

CLIMATE JUSTICE NOW!



SSIELE
SUBSIDIES

A12
BLOKKADE 27 MEI 12:00
DEN HAAG



END
STATION
MEER?

Das
Plastik
Pro

STOP SHELL
GLESNECK

WIKER
VIE
MEER
VERBODEN
BUREN

IEDER JAAR POINT O

S
FO
SU

ONLY IS ONE KEER MEER D

FEBRE

EIRU
NOW!



END
STATION
MEER?

Das
Plastik
Pro

ZB36 Kunst, Verein, wagen, Halle
Kunst, Verein,
wagen, Halle
Kunst, Verein,

FEBRE



CONTEXTO

TRANSIÇÃO DO IMAGINÁRIO NO COLAPSO CLIMÁTICO

Diante do colapso climático, a necessidade de **transição ecológica** no mundo pressupõe que a sociedade civil organizada também se movimente, pois se há uma necessidade óbvia e científica de transição ecológica, há também a necessidade de uma transição cultural, ou seja, de transição do imaginário.

A transição ecológica, em termos mais formais, é uma mudança de paradigma em direção a práticas sustentáveis e conscientes, visando a preservação dos recursos naturais, a redução das emissões de gases de efeito estufa e a promoção de um estilo de vida mais equilibrado com o meio ambiente. A transição ecológica envolve a adoção de energias renováveis, a implementação de políticas de conservação da biodiversidade, a promoção da economia circular e a conscientização da sociedade sobre a importância da preservação ambiental.

É um caminho que exige esforços conjuntos de governos, empresas e cidadãos, visando garantir um futuro sustentável para as próximas gerações.

Nesta pesquisa, buscamos por iniciativas criativas e inspiradoras ativas no que chamamos de “transição do imaginário”. A pesquisa foi realizada durante uma

viagem à Europa, aproveitando que algumas de nós já estariam lá para uma residência artística, e na volta, com parceiros aqui no Brasil. Trazemos aqui 38 iniciativas inspiradoras que ajudam a entender quais os caminhos possíveis para essa transição urgente e necessária.

A FEBRE DO PLANETA

Ondas de calor, secas, tempestades intensas.

Ondas de frio, enchentes, incêndios florestais.

Plástico nos oceanos e elevação do nível do mar.

Os combustíveis fósseis são responsáveis por 64% das emissões de CO₂ do mundo, segundo o IPCC, o órgão de ciência climática da Organização das Nações Unidas – ONU. Os três maiores emissores de gases de efeito estufa (GEE) – China, União Europeia e Estados Unidos – contribuem com 42,6% das emissões globais. **Portanto, a principal pauta do norte global em relação às mudanças climáticas é a transição energética, ou seja, o fim do uso dos combustíveis fósseis.**

Já no Brasil, a pauta crucial que nos conecta globalmente é o desmatamento das florestas. Já sabemos que as principais causas do desmatamento são para produção de pastos para criação de gado ou plantação de soja e milho, produto exportado para alimentar animais em outros países.

Para então evitar a extinção em massa, precisamos tomar medidas concretas e urgentes, a fim de reduzir as emissões de gases de efeito estufa e promover ações de adaptação às mudanças climáticas.

É tempo de transição para energias renováveis, conservação das florestas, adoção de práticas sustentáveis na agricultura, eficiência energética, ações de

sensibilização e educação, colaborações internacionais... Ufa! Mas como fazer tudo isso? Como nos organizarmos diante de tantos desafios? Teremos futuro?

A urgência de agir é real, a conscientização e a ação coletiva são fundamentais para enfrentar esse desafio global. A pesquisa foi realizada entre maio e outubro de 2023.

Sumário executivo

1. A AÇÃO PRESENCIAL É FUNDAMENTAL.

100% das iniciativas entrevistadas têm na ação presencial o fundamento e a principal tática de suas atividades. É preciso estar presente para concretizar e vivenciar as ações, desde estar em greve e produzir cartazes a estabelecer o contato com a terra e com a água, se unir para processar o estado ou reunir grupos para atividades alimentares. As ações se potencializam com a presença *online* dos registros, ou muitas vezes até ao vivo, e a comunicação híbrida é a estratégia mais eficaz dos grupos.

2. A EDUCAÇÃO CLIMÁTICA É URGENTE PARA QUE TODOS POSSAM PARTICIPAR DO DEBATE SOBRE A TRANSIÇÃO ECOLÓGICA.

A educação climática é fundamental e transversal para a maioria das iniciativas que conversamos sobre a construção da transição do imaginário climático, e é a partir dela que se pode desenvolver outras ações, como **entrar na justiça contra quem está destruindo o planeta e não deixar crimes ambientais impunes.**

3. A ARTE E A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS PERMITEM MOBILIZAR E ENGAJAR PESSOAS ATRAVÉS DAS AÇÕES CRIATIVAS.

Arte e convivência são formas de organização da coletividade e da luta. **A arte, em cooperação com as campanhas, potencializa a formação da opinião pública sobre a crise climática.** A arte amplifica a mensagem da campanha. Ela ocupa diversos espaços, como museus, centros culturais e muitas vezes a rua, chamando atenção de uma maneira mais criativa e mais sensível para aquilo que deve ser debatido pela sociedade. A arte também tem uma incrível potencialidade de impulsionar a causa climática na imprensa.

4. DECOLONIZAÇÃO AMBIENTAL E CLIMÁTICA NA PRÁTICA.

É importante fomentar ações conjuntas entre países desenvolvidos (colonizadores, norte global) e, portanto, estabilizados economicamente, e subdesenvolvidos (que foram colônias no passado/sul global). A justiça climática tem que partir de acordos e cooperações internacionais. Com o aquecimento global e suas consequências catastróficas, o número de refugiados climáticos vai aumentar consideravelmente nos países economicamente estabilizados, e por isso, **a pauta e o tratamento para migrantes é também uma pauta climática.**



O DESAFIO É AGIR

Diante do colapso climático, buscamos grupos e ações que tentam responder à necessidade de mudança de maneira criativa e artística.

COLETIVOS ATIVISTAS, MOVIMENTOS E INTERVENÇÕES CRIATIVAS

São diversos os coletivos ativistas que surgiram no mundo nos últimos dez anos. Na Europa, o foco é o combate ao uso dos combustíveis fósseis. No Brasil, são diversas pautas, com uma atenção especial à conservação dos biomas e da Amazônia. Conversamos, durante nossa pesquisa, com:

1. **KlimaSeniorinnen - Zurique, Suíça**
2. **KlimaatZaak - Bélgica**
3. **FridaysForFuture - Global**
4. **Movimento Bem Viver - Brasil**
5. **Ende Gelände - Berlim, Alemanha**
6. **Top Manta - Barcelona, Espanha**
7. **Yili Rojas - Berlim, Alemanha**
8. **Greenpeace - Amsterdã, Holanda**
9. **Coletivo Martha Trindade - Rio de Janeiro, Brasil**
10. **Utopia Negra Amapaense - Macapá, Brasil**

11. Instituto Mapinguari - Macapá, Brasil

12. Instituto Raoni - Mato Grosso, Brasil



KLIMASENIORINNEN
ZURIQUE, SUÍÇA

www.klimasenorinnen.ch

Para um grupo de mulheres de mais de 70 anos da Suíça, o clima é uma questão de justiça. O movimento KlimaSeniorinnen (em português, “Senhoras pelo Clima”) surgiu com uma história curiosa. Um grupo de senhoras, que adoeceram por conta da poluição do ar na Suíça em três momentos diferentes, foi ao Parlamento da Suíça, abriu um processo público contra o governo federal e perdeu.

“Quatro mulheres adoeceram e podiam provar que estavam doentes devido ao ar. A gente aqui teve um inverno muito, muito quente, e diziam na rádio: ‘velho, não saia!’. Essa foi a solução deles em vez de dizer: ‘Ei, temos que fazer alguma coisa!’. E eles não fazem o suficiente.” comenta uma integrante do grupo.

Foi então que as senhoras do KlimaSeniorinnen levaram, em 2022, o governo suíço ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Elas fazem parte de uma onda global de casos que buscam justiça climática nos tribunais, exigindo que governos e corporações poluidoras sejam responsabilizados por suas omissões. A decisão do Tribunal terá um impacto mundial. Elas já são mais de duas mil participantes e estão se articulando com outras senhoras da Itália e de outros países do mundo para fortalecer o movimento.



Foto: [Site KlimaSeniorinnen](#)

É necessário entrar na justiça contra quem está destruindo o planeta.

**KLIMAATZAAK
BÉLGICA**

www.klimaatzaak.eu/nl

Um outro caso levado à corte, dessa vez na Bélgica, é o KlimaatZaak (“Caso do Clima”). O caso começou em 2014, quando um grupo de 11 pessoas insatisfeitas com a política climática da Bélgica iniciou um processo judicial. O grupo levou dois anos montando o caso e mais dois anos decidindo em qual idioma o caso seria resolvido, pois o processo era contra quatro diferentes entidades – o Governo Federal e os três governos regionais Belgas –, sendo optado,

finalmente, pelo Francês. Assim, em 2021, o Tribunal de Primeira Instância de Bruxelas decidiu que a negligente política climática belga não só configurava uma violação do dever social de cuidado, mas também dos direitos humanos dos 58.000 correquentes, que hoje já somam mais de 70.000 pessoas.



Foto: Print do vídeo no [site do KlimaatZaak](#)

Nunca antes na história belga um veredicto tão condenatório foi passado sobre a política dos governos em relação a seus cidadãos. Nos meses que se seguiram, porém, não havia indícios de que os políticos tivessem levado a sentença a sério. É por isso que o KlimaatZaak entrou com um recurso, ainda em 2021, para forçar os governos a realizarem a redução de emissão de CO₂, para que as gerações futuras pudessem contar com um clima habitável.



Foto: divulgação, [Instagram do KlimaatZaak](#)

O caso segue em curso e o Tribunal de Apelação de Bruxelas decidiu dar prioridade a ele. Após uma rodada de conclusão por escrito que levará dezesseis meses, o Caso Climático será ouvido entre setembro e outubro de 2023. [Veja aqui](#) todos os argumentos em inglês do Caso Climático.

"Acho que um dos grandes problemas com o ativismo climático, além do custo pessoal para os envolvidos e do esgotamento, é como manter a esperança", nos conta uma das integrantes do grupo. **Para ela, "a arte é uma ferramenta realmente interessante para fazer as pessoas conseguirem olhar para um futuro que poderia ser possível, e dar a elas uma perspectiva, mas também talvez se envolver um pouco com o tópico de que o planeta está esquentando."** [Veja aqui o vídeo](#) com um compilado de imagens das manifestações e mobilização a favor do Caso do Clima.



Foto: divulgação, [Instagram do KlimaatZaak](#)

FRIDAYS FOR FUTURE GLOBAL

fridaysforfuture.org

É um movimento pensado por uma geração que luta não só pelo presente, mas pelo futuro: #FridaysForFuture (em português, "Sextas pelo Clima"). O movimento, liderado e organizado por jovens, começou em agosto de 2018, quando Greta Thunberg, de 15 anos, e outros jovens ativistas se sentaram em frente ao parlamento sueco, durante todos os dias letivos, por três semanas, para protestar contra a falta de ação na crise climática. Ela postou o que estava fazendo no Instagram e no Twitter e logo viralizou.

Hoje estão em mais de 7.500 cidades e em todos os continentes. Atualmente a ação de maior impacto do FFF são as greves globais pelo clima, uma vez por mês. **Uma das ferramentas ativistas mais utilizadas por Greta e por todo o**

movimento é o cartaz em que constam os dizeres “GREVE GLOBAL PELO CLIMA”.

“As greves globais são um evento legal para reunir grupos muito diferentes e também convidar artistas e outras pessoas, mas tem sido muito difícil mobilizar”, comenta uma das integrantes do FFF de Stuttgart, na Alemanha.



Foto: divulgação, site Fridays for Future

Eles nos contaram que depois de um ano de greves semanais (toda sexta-feira), se cansaram. “É muito difícil motivar as pessoas, e muito estressante. Não organizamos toda sexta porque dá muito trabalho e aí tem 10 pessoas se manifestando. E também, qual é a mensagem?”, conta uma das integrantes do movimento. O grupo passa pelo desafio de unir esses esforços locais em ações com mais impacto nas políticas globais.

Ao mesmo tempo, a presença constante dos estudantes, fora da escola, com cartazes e se movimentando, gera uma **imagem performática**, artística e de resistência dessa juventude. **O impacto do #FridaysForFuture transcende a mobilização da própria juventude e também causa um impacto intergeracional, demonstrando por meio da ação e da resistência o quanto é urgente agirmos coletivamente no momento presente.**

Um dos maiores desafios é unir pessoas em prol de uma ação comum e mantê-las engajadas na ação por um longo prazo.

MOVIMENTO BEM VIVER

BRASIL

[@movbemviver](https://www.instagram.com/movbemviver)

Enquanto o desastre ambiental planetário se intensifica e faz com que as pessoas se sintam pequenas e impotentes, o Movimento Bem Viver vem unindo campo, cidade e floresta para a construção de um movimento emancipatório.



Foto: José Francheschi @vidaentremundos

“Mutirão” quer dizer “trabalho coletivo para o bem comum”, e é dessa forma que o movimento tem agido nos territórios, colocando, literalmente, a mão na massa: plantando comida, reflorestando áreas desmatadas, levantando casas, escolas, creches e cozinhas comunitárias que captam a própria água da chuva e tratam o próprio esgoto.

O movimento também conecta famílias que estão produzindo de forma agroecológica e com dificuldades de escoar sua produção, com pessoas na cidade que querem comer alimentos sem veneno e contribuir para a promoção de reflorestamento de áreas.

Considerando a importância da disputa em espaços institucionais de poder, o movimento vem se organizando em candidaturas e mandatos coletivos para ocupar cadeiras nas casas legislativas, os chamados Mandatos Coletivos do Bem Viver.



Foto: divulgação, Movimento Bem Viver

ENDE GELÄNDE ALEMANHA

ende-gelaende.org/en

O Ende Gelände, grupo ativista alemão, deixa claro em seu manifesto algo além da urgência por uma transição energética: a necessidade de uma transição social.

“Nós, como Ende Gelände, apelamos pelo fim imediato do uso do carvão e por uma transformação socialmente aceitável de todas as indústrias fósseis. Queremos uma transição energética democrática e descentralizada, na qual as pessoas tomem suas próprias decisões sobre consumo e produção. É necessário que haja uma profunda mudança socioecológica para alcançar uma boa vida para todos. **Não achamos que a mudança climática pode acontecer dentro deste sistema econômico capitalista**”, diz um de seus manifestos, disponível no site.

“Ende Gelände” é um provérbio alemão cuja tradução literal equivale a “aqui e não mais” – em português, seria algo como “**fim de papo**”. É um movimento de desobediência civil que, desde 2015, ocupa minas de carvão na Alemanha para aumentar a conscientização sobre a justiça climática. Um dos aspectos mais interessantes desse grupo é a estética que ele usa nas ocupações das minas. Seus integrantes se vestem de branco, em trajes que remetem a uniformes usados em expedições a ambientes extremamente tóxicos ou à vestimenta de astronautas.



Foto: Site [Ende Gelände](#)

Os protestos anuais na Alemanha contam com a presença de 3.000 a 7.000 participantes. Eles também apoiam regularmente comícios antirracistas no país.

TOP MANTA BARCELONA, ESPANHA

<https://topmanta.store/>

Na Europa, a pauta das migrações talvez seja a mais forte relacionada a direitos humanos. Muitos migrantes que chegam em navios pelo Mediterrâneo, em condição de refugiados sociais e políticos, encontram muita hostilidade nos países de destino.



Foto: @jonaya

Um exemplo de coletivo que transformou sua luta em arte é o Top Manta. Eles usam como dispositivo de comunicação suas camisetas, que também são produtos finais da sua exploração enquanto imigrantes sem direitos trabalhistas.



Foto: Site [Top Manta](#)

O Top Manta nasceu em 2017, como a marca de roupa social e solidária do Sindicato dos Vendedores Ambulantes de Barcelona, e já conseguiu legalizar mais de 120 pessoas que trabalhavam na cidade sem documentos. Eles estão expondo suas obras na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2023, divulgando seus objetivos sociais e políticos. "Mercado de Manteros" é uma exposição que explica o percurso da diáspora africana, as dificuldades do processo migratório, as políticas fronteiriças e as leis racistas que os *manteros* (vendedores ambulantes africanos ilegais) têm encontrado na Europa, como os dos *manteros* de Barcelona.

Sabemos que com o aquecimento global e suas consequências catastróficas, o número de refugiados climáticos vai aumentar consideravelmente nos países economicamente estabilizados; por isso, a visibilidade e tratamento para migrantes também é uma pauta climática.

YILI ROJAS
BERLIM, ALEMANHA

<https://yilirojas.wordpress.com/>

"Os refugiados climáticos estão vindo. Somos nós também que forçamos a vinda deles para cá com o nosso consumo, mas que não exatamente vai ser um consumo consciente. Aqui é uma lógica muito fácil, assim como nós temos a chave para resolver também algumas questões que precisam ser trabalhadas", conta a artista Yili Rojas, natural de Bogotá, Colômbia, erradicada em Berlim, Alemanha. Yili migrou para o Brasil, onde morou por 20 anos, estudou e trabalhou como professora e ilustradora, além de produzir projetos autorais. Em

2010, mudou-se para Berlim, onde trabalha como artista em projetos com foco em educação política e (pós) colonialismo, antidiscriminação e antirracismo, através de abordagens decoloniais, artísticas e críticas de poder.



Foto: Site [Yili Rojas](#)

Ela conta que o trabalho também deve ser educativo. Yili traz uma reflexão sobre como conversar sobre responsabilidade, um tema muito difícil para o ser humano. "Eu acho que **o trabalho é ainda mais atrás: antes de falar do clima, falar de colonialismo**. É diferente falar de colonialismo lá no Sul e falar aqui no Norte. Aqui, você pode doar 5 euros para uma criança no Sul, no país que você acha pobre. Mas vamos conversar sobre empobrecimento, conversar sobre responsabilidade. Aí as pessoas não aguentam", comenta Yili.



Foto: @gessicaarjona, ateliê Yili Alemanha

Assim como os migrantes são pessoas em situação de vulnerabilidade, existem muitos lugares que foram colonizados pelos países europeus que enfrentam semelhante situação no combate e na adaptação às mudanças climáticas.

Conversando com algumas instituições internacionais, encontramos dois exemplos de **ações conjuntas entre países desenvolvidos (colonizadores) – e, portanto, estabilizados economicamente – e subdesenvolvidos, que foram suas colônias.**

GREENPEACE
AMSTERDÃ, HOLANDA

<https://www.greenpeace.org/nl>

Bonaire é um município especial da Holanda, uma ilha situada no mar do Caribe, ao largo da costa da Venezuela, na América Central. Sendo assim, não fica na Europa, mesmo fazendo parte da Holanda. O Greenpeace Amsterdã está fazendo um trabalho conjunto com comunidades na ilha de Bonaire, que corre o risco de grandes alagamentos com a subida do oceano. Ano passado, lançaram uma campanha sobre o futuro de Bonaire. "Seus habitantes são cidadãos holandeses, então eles devem ser protegidos contra os impactos das mudanças climáticas, assim como nós, aqui na Holanda. Mas também notamos que a mudança climática e os perigos não são a primeira coisa em que os moradores de Bonaire pensam, porque há muitas pessoas vivendo na pobreza; não é prioridade se preocupar com a mudança climática, e também nem todo mundo sabe o que é a mudança climática e quais são os perigos para sua ilha e para as pessoas que vivem lá", nos contou uma integrante do Greenpeace de Amsterdã.

A campanha envolveu conteúdos de redes sociais e pinturas de artistas locais, alertando sobre o perigo de desaparecimento da ilha com as mudanças climáticas.



Foto: @jonaya

Protestos por justiça climática e um futuro seguro para a ilha também estão aumentando. A professora Jackie Bernabela diz: "Posso ver como a mudança climática já está afetando Bonaire, embora sejamos uma ilha pequena e quase não emitamos gases de efeito estufa. Até agora, o Tribunal de Haia não nos ouviu. Sem pressão, nada mudará em Bonaire". [Clique aqui para saber mais.](#)

É uma realidade global: a migração por melhores condições de vida, pauta tão delicada na Europa, em breve criará uma grande onda de refugiados climáticos globais.

COLETIVO MARTHA TRINDADE RIO DE JANEIRO, BRASIL

<https://l1nq.com/ColetivoMarthaTrindade>

Zonas de sacrifício são áreas de uma cidade ou município que podem ser sacrificadas em prol do desenvolvimento econômico. Sabemos que territórios periféricos, rurais, "distantes", de baixo IDH, em sua maioria territórios negros, são comumente escolhidos por empreendedores e instâncias do governo para serem anfitriões desse tipo de "empreendimento". É o caso do bairro de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, com um dos menores IDHs da cidade. O bairro foi escolhido para abrigar a usina siderúrgica TERNIUM, antiga TKCSA.

Dona Martha Trindade, enfermeira e moradora do bairro, foi a primeira a denunciar o impacto na saúde da população que a atuação da siderúrgica causou. Anos depois, veio a óbito por problemas respiratórios, mas seu legado de luta e resistência permanece vivo com a juventude do Coletivo Martha Trindade, um grupo formado em 2016 por moradores que se reuniram para monitorar a qualidade do ar.

Hoje o coletivo atua em constante processo de construção de uma vigilância popular em saúde, com monitoramento da qualidade do ar e pressão sobre o poder público na transparência dos dados de emissão de poluentes, evidenciando os impactos socioambientais causados pela siderúrgica. A juventude está literalmente lutando por novos ares.



Foto: divulgação, portfólio [Coletivo Martha Trindade](#)

UTOPIA NEGRA AMAPAENSE MACAPÁ, BRASIL

[@utopia_negra](#)

O racismo ambiental e suas demandas cotidianas atravessam qualquer iniciativa negra. O Coletivo Utopia Negra Amapaense é uma organização da

sociedade civil liderada por jovens negros da Amazônia. Nasce com o objetivo de impulsionar a juventude negra a ocupar espaços políticos de tomadas de decisão, como partidos, conselhos, grêmios estudantis.

Em novembro de 2021, em plena pandemia, o estado do Amapá sofreu um apagão – um dos maiores blecautes do país, que deixou quase 800 mil habitantes sem energia por 22 dias, dos quais quatro dias na escuridão total. Os primeiros dias foram caóticos: pessoas estocando comida, água e gelo, produtos que ficariam escassos nos próximos dias.

Este foi o cenário do primeiro grande desafio do coletivo, que ajudou na coleta e distribuição de mantimentos para centenas de famílias, organizando campanhas e encontros para o debate da crise energética no estado. Desde então o coletivo tem se tornado linha de frente no debate climático sobre a política amapaense a partir de uma perspectiva negra. Com pesquisas, campanhas e projetos nas periferias e comunidades tradicionais do Amapá, vem atuando como um canal para a participação efetiva das comunidades em espaços de tomada de decisão.



Foto: Brunna Silva

Hoje um dos focos de atuação do coletivo está voltado para o combate à exploração de petróleo na foz do rio Amazonas. É nessa região que a Petrobras tenta obter licença para perfuração marítima sem apresentar um planejamento claro e amplo para uma eventual ocorrência de derramamento de óleo, que pode afetar seriamente o solo e a água, fazendo com que comunidades e povos sejam acometidos por uma tragédia sem precedentes, assim como toda a população do Amapá.

O combate aos combustíveis fósseis não é tão forte no Brasil, mas alguns grupos defendendo a Amazônia da exploração do petróleo têm contribuído para o debate nacional sobre o tema.

INSTITUTO MAPINGUARI
MACAPÁ, BRASIL

<https://www.mapinguari.org/>

Reza a lenda amazônica que Mapinguari é um gigante peludo, com um olho na testa e a boca no umbigo, que vive e protege o interior da floresta. Um grupo de jovens biólogos amapaenses se inspirou nessa lenda para criar o Instituto Mapinguari. A ideia inicial era trabalhar, ainda que de forma voluntária, no fortalecimento de áreas protegidas. Parte da iniciativa de realizar conservação, trabalhos de pesquisa por contaminação de mercúrio, trilhas e outras atividades para trazer visibilidade a essas áreas.



Foto: divulgação, Instituto Mapinguari.

O Mapinguari cresceu e hoje circula para além da floresta com os rios voadores da Amazônia. O instituto tem atuado no enfrentamento à crise climática através do fortalecimento de redes de agricultores e de jovens pela Amazônia.

Os jovens estão constantemente circulando entre sessões no congresso ou casas legislativas estaduais. O grupo atua fazendo pressão por políticas públicas de agroecologia e na proteção das bacias hidrográficas, combatendo a exploração de petróleo na Amazônia.

A arte também está presente na comunicação do coletivo. Em Ver-o-Peso, a maior feira-livre da América Latina, em Belém do Pará, um ator interpreta um político vendendo a Amazônia enquanto come um peixe banhado em petróleo.

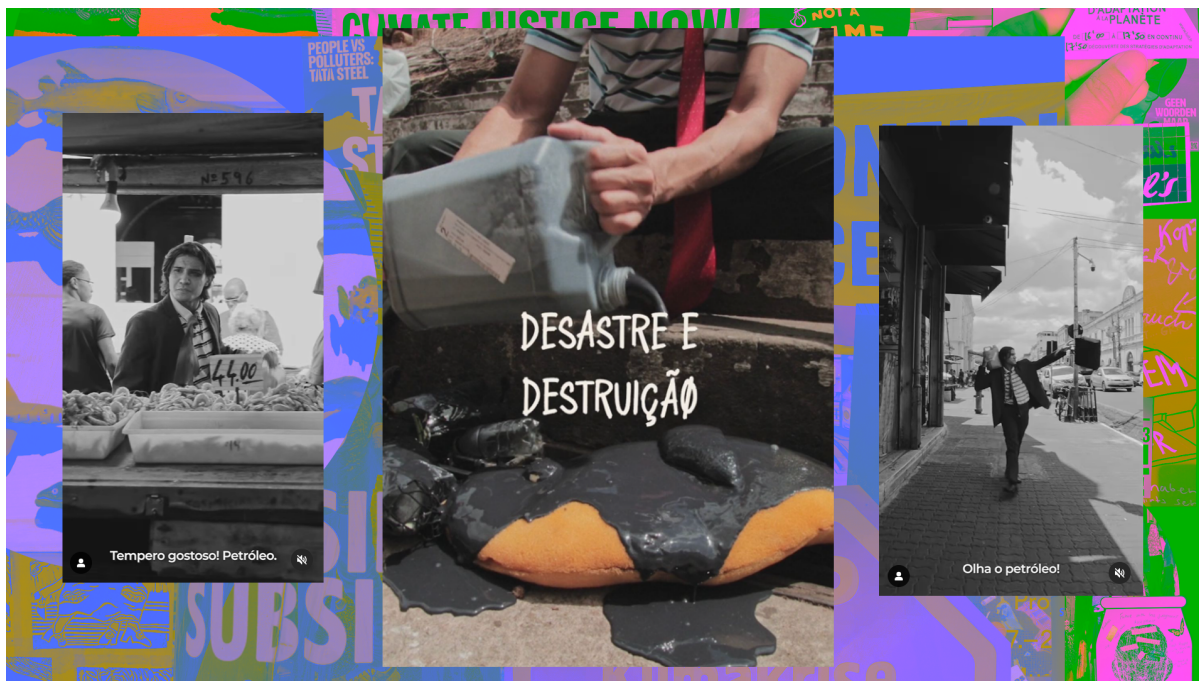


Foto: Print do vídeo "[A panelinha do Petróleo](#)" no Instagram

INSTITUTO RAONI MATO GROSSO, BRASIL

<https://institutoraoni.org.br/>

Na década de 50, um jovem indígena aprendeu a falar português e a entender a lógica do mundo não indígena, atuando na mediação de conflitos em diversas aldeias e mobilizando a imprensa local e internacional para os problemas da causa indígena. Isso culminou na criação da Reserva Indígena do Xingu, localizada na divisa entre os estados de Mato Grosso e Pará, na bacia hidrográfica do Rio Xingu, um dos maiores blocos contínuos de floresta tropical do mundo e que ainda hoje configura a maior barreira contra o desmatamento na porção leste da Amazônia.

Este jovem era o Cacique Raoni, do povo Mëbêngôkre (Kayapó), e inspiradas nessa história e na proteção do seu legado, as comunidades Mëbêngôkre criaram, em 2001, o Instituto Raoni.

O Instituto Raoni atua de forma incansável na luta pela proteção do meio ambiente e na promoção da cultura e dos direitos dos povos tradicionais. Em primeiro lugar, trabalha em parceria com as comunidades indígenas, que são os guardiões tradicionais da floresta, fortalecendo sua capacidade de proteger e gerenciar seus territórios. Isso inclui a implementação de projetos de manejo sustentável, promoção de práticas agrícolas tradicionais e fortalecimento de iniciativas de geração de renda a partir da venda de produtos da sociobiodiversidade e serviços.

O instituto promove o diálogo entre diferentes atores sociais, governos e comunidades indígenas, visando construir um futuro mais justo e sustentável para todos. Sua ação mais recente foi "O chamado do Cacique Raoni", que reuniu mais de 800 indígenas para formular estratégias de luta contra o "Marco Temporal", tese jurídica que dificulta a demarcação e promulgação de terras indígenas.



Foto divulgação Kamikia Kisêdjê site [Amazonia Real](https://www.amazonia-real.org/)

O trabalho do Instituto Raoni é de extrema importância, não apenas para a Amazônia, mas para todo o planeta. Sua atuação é um exemplo inspirador de como é possível unir esforços em prol da proteção do meio ambiente e da valorização das culturas tradicionais.



ARTISTAS E OBRAS DE ARTIVISMO

De obras cênicas entrevistadas e que trabalham com o imaginário do colapso, encontramos três iniciativas: um espetáculo belga ao qual assistimos e cujos artistas entrevistamos em Amsterdã, uma obra conceitual em Stuttgart, na Alemanha, e uma terceira obra apresentada na rua, em Paris. Além disso, vimos uma exposição em Zurique, na Suíça, e conversamos com a Bertha Foundation, que trabalha com ações criativas de todo o mundo. No Brasil, conversamos com o pessoal do Pimp My Carroça e do (Se)cura Humana.

1. **Antígona na Amazônia - Brasil e Bélgica**
2. **Manual de Adaptação do Planeta - Itália, Bélgica e França**
3. **(Se)cura Humana - São Paulo, Brasil**
4. **labExperimental - Brasil**
5. **Suraras do Tapajós - Santarém - Brasil**
6. **Teatro do Eterno Agora - Stuttgart, Alemanha**
7. **Memorial ao avanço das mudanças climáticas - Ópera de Stuttgart, Alemanha**
8. **Repair Revolution! - Zurique, Suíça**
9. **Pimp My Carroça - São Paulo, Brasil**
10. **Bertha Foundation - Londres, Reino Unido**

ANTÍGONA NA AMAZÔNIA BRASIL E BÉLGICA

declaration13may.com/background/

A obra estreou no teatro do NT Gent, na Bélgica, no dia 13 de maio de 2023, dia que marca o "fim" formal da escravidão no Brasil. Foi produzida em colaboração com o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), o maior movimento dos trabalhadores sem terra do mundo. Milo Rau, diretor do espetáculo, e sua equipe viajaram para o estado brasileiro do Pará, onde as florestas queimam devido à expansão das monoculturas de soja e onde a natureza é devorada pelo capitalismo. No assentamento de Eldorado dos Carajás, criou-se uma peça alegórica sobre as violentas devastações e deslocamentos causados pelo Estado moderno, que coloca a propriedade privada acima do direito tradicional à terra. A concepção cênica tem como centralidade o personagem coletivo, o coro, a voz coletiva.

Segundo Douglas Estevam, do Coletivo de Cultura do MST, o diretor Milo Rau empreende uma tomada de posição contra a destruição planetária, ambiental e humana, provocada pelo modelo de produção capitalista. Ele associa o nascimento do capitalismo moderno à colonização europeia do continente latino-americano.

Um dos momentos mais intensos do processo de criação e filmagens foi a reencenação do massacre de Eldorado dos Carajás, um dos principais temas da peça. A cena foi elaborada em vários dias de ensaios, sendo a reconstituição dos fatos construída pelos próprios sobreviventes.



Foto: Nelson Almeida, site Antígona na Amazônia

Quando questionada se estamos todos conectados, a atriz belga Sara De Bosschere, que faz parte da peça, diz que "De certa forma estamos conectados, em cada luta dos indígenas, do MST, de todas as pessoas que conhecemos nessa região da Transamazônica. O que eu acho interessante na evolução do debate climático é que agora está claro para muitos filósofos, intelectuais e especialistas neste campo que você **não pode ter essa mudança climática sem mudança social**, também, que está realmente conectada. E pra mim, de uma forma bem prática, é isso que o MST faz."

Sara também conta sobre como um texto tão antigo como Antígona, uma tragédia grega de 2400 anos, pode se conectar com os dias atuais a partir de questões políticas, filosóficas ou lutas existenciais. Depois que apresentaram a proposta da peça para a comunidade do MST, no Pará, uma das lideranças, a Kátia, disse: "Nós somos todos Antígonas; a gente entende isso, claro. É uma conexão que vem das artes, e, às vezes, podemos dizer, então: Greta Thunberg é uma nova Antígona, e as meninas que protestavam contra Trump, também."

MANUAL DE ADAPTAÇÃO DO PLANETA FRANÇA

www.luit.fr

“Querem ir para o futuro?”, e imediatamente a maioria responde: sim. Assim começa a encenação. “Por que será que a maioria topa ir para o futuro agora? Será que estão com medo do que está acontecendo, e visualizando o futuro podem fazer algo a respeito agora?”, pergunta uma cientista que está na plateia da peça **Manual de Adaptação do Planeta**.

A peça acontece na rua, com mais ou menos 5 geodésicas montadas, e alguns atores vestidos de macacões que lembram uniformes de mecânicos ou astronautas. A plateia recebe orientações e faz uma viagem ao futuro, depois retorna ao presente, com diversos desafios relacionados a mudanças do clima, a serem aplicados ali mesmo, na cidade onde estão.



Foto: Site www.luit.fr

O texto não é catastrófico, e o diretor explica a narrativa escolhida: “tentamos evitar o uso de certas palavras porque elas são muito pesadas. Nós realmente não dizemos ‘problema’, ou ‘catástrofe’, ou mesmo ‘solução’”.

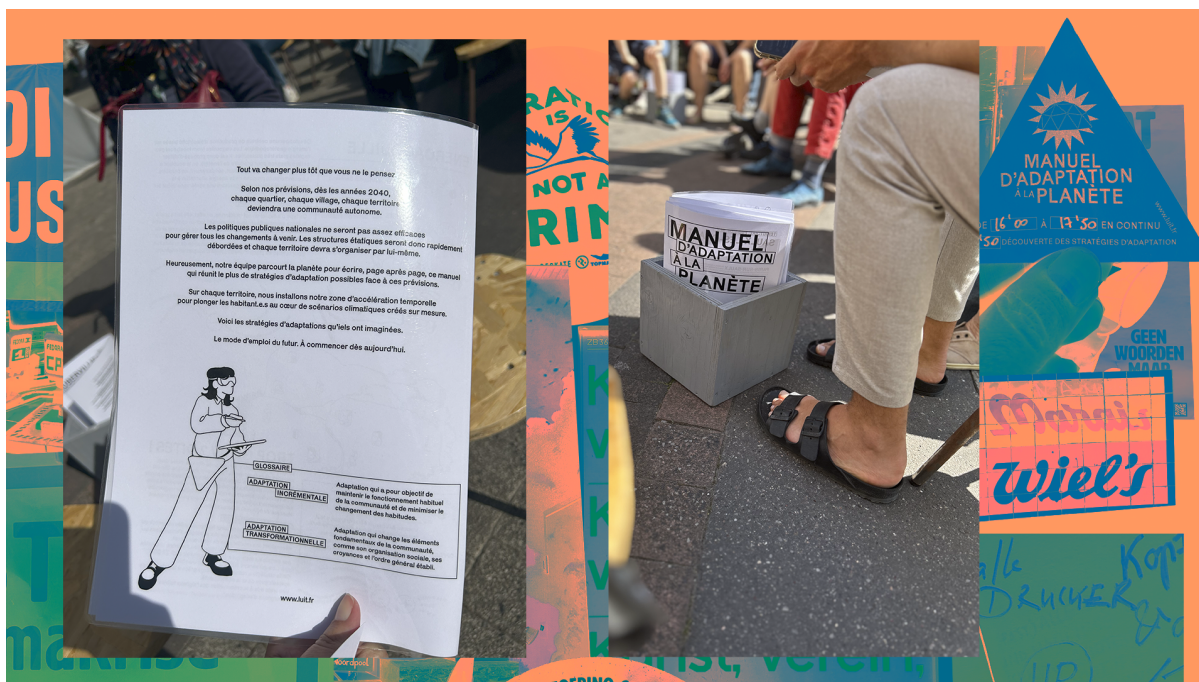


Foto: @jonaya

A peça é interativa e estimula a encontrar ações na realidade onde se está, sem ter que resolver, por exemplo, o problema globalmente. “Nós os colocamos em um determinado cenário e não dizemos a eles o que deve ser feito; eles são convidados a escolher o que fazer”, comenta o diretor. Para a cientista que estava na plateia, é muito difícil se distanciar do futuro catastrófico da crise climática, porque estando muito próximo, não há muito sentido em estar numa peça que se diz um “Manual de Adaptação” mas não traz nenhuma orientação para a plateia.

**(SE)CURA HUMANA
SÃO PAULO, BRASIL**

www.securahumana.com



Foto: Tiago Queiroz

Criatividade e mão na massa não faltam para o pessoal do coletivo (Se)cura Humana, um movimento de guerrilhas artísticas urbanas e aquáticas encabeçado por Flávio Barollo e Wellington Tibério.



Foto: Karen Menatti

Refletindo a secura do ser humano em diversos níveis, o (Se)cura Humana busca trazer materialidade a sonhos e utopias relacionados à forma como nos relacionamos com o elemento Água no espaço urbano.

A partir de um ativismo ambiental, o trabalho do coletivo se materializa em ações diretas no espaço urbano, como a performance "Parque Aquático Móvel", que leva água da nascente para encher piscinas no meio do asfalto da cinzenta São Paulo. Uma dessas ações foi batizada como "O Lago da Travessa" – um lago de concreto construído no meio de uma viela, com 250 m de extensão, levando água limpa da nascente para a população que transita no local, gerando vida aquática com peixes e plantas. Além disso, a ação disponibiliza um tanque e uma torneira para que a população que vive nas ruas possa ter acesso a esse bem vital.



Foto: Jennifer Glass

Outra performance muito instigante é a “Corpo-Árvore”, que caracteriza um futuro distópico (im)provável, em que os artistas encontram a última árvore do planeta e tentam reavivá-la com ajuda de aparelhos.

Seja pela construção de lagos no meio do concreto, pela instalação de parques aquáticos com piscinas nas calçadas ou pela ativação de bicas com água de nascente que se perdem pela cidade, o coletivo empreende ações que friccionam o sentido positivista-desenvolvimentista de cidade, coloca em questão o que é “legal” e “ilegal”, ativa memórias de uma cidade que se foi e aponta para uma outra cidade que virá.



Foto: Renata Armelin

LABEXPERIMENTAL - BRASIL

www.labexperimental.org

Para alertar sobre a necessidade de preservar os cursos de água, um grupo de experimentações artísticas mobilizou artistas de todo o Brasil. Ao todo, 17 cidades nas cinco regiões do país, mais de 30 coletivos e 21 rios assinam o Manifesto dos Rios, lançado no Dia Mundial dos Rios, em setembro de 2023.



Foto: @samarasoux @marinefilmes

O manifesto é escrito em primeira pessoa e fala sobre o direito dos rios de existir. As intervenções de arte chamam atenção à degradação e à urgência de se preservar os rios brasileiros, evocando a mitologia amazônica de Boiúna, a cobra grande que vive no fundo dos rios e se manifesta quando aborrecida.

Essa foi uma das ações idealizadas pelo labExperimental, um grupo de artistas e comunicadores que desde 2013 desenvolve projetos de formação, produção de conteúdo, pesquisas e intervenções criativas (e que organizou essa pesquisa que você está lendo agora 😊).

Outra mobilização do coletivo é pela Campanha É Clima, que convida organizações, artistas e comunicadores do Brasil inteiro a postar de forma coletiva e coordenada, conteúdos que falam sobre alimentação, gestão de resíduos e justiça climática. Os conteúdos criados pelo labExperimental em parcerias com os coletivos da campanha ajudam a unificar a produção das narrativas nas redes. Contudo a campanha não se limita apenas ao mundo digital e todo conteúdo produzido é impresso e colado nos muros de todo o país utilizando a técnica "lambe-lambe".



Foto: divulgação labExperimental

O labExperimental, em parceria com outras organizações, também produziu a Residência Artista, uma metodologia que através de imersões de cultura e democracia, criar uma campanha colaborativa pela tirada do título jovem no Brasil e pelo primeiro voto verde, um voto socioambiental.



Samela Sateré Mawé e Jander Manauara. Foto: divulgação Baile na Terra, 2022.

Outra ação muito interessante é o Baile na Terra (@bailenaterra), festival de artes pelo clima, que acontece desde 2022 em São Paulo e que já reuniu, em duas edições, mais de 15 mil pessoas.

Arte e convivência são formas de organização da coletividade e da luta.



Foto: divulgação, Baile na Terra, 2023.

**SURARAS DO TAPAJÓS
SANTARÉM - BRASIL**

<https://surarasdotapajos.org.br/>

O grupo de carimbó Suraras do Tapajós é uma expressão cultural vibrante e autêntica da região amazônica, no Brasil, formada por mulheres indígenas que vivem às margens do Rio Tapajós, onde habitam atualmente 14 povos indígenas. O grupo representa a identidade e a resistência cultural de um povo que busca manter vivas suas raízes e a harmonia com a natureza.

A ideia surgiu em 2016, com a criação de um coletivo que mais tarde viria a se tornar a Associação de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós. O coletivo nasce do encontro dessas jovens preocupadas com a luta pela defesa dos direitos das mulheres. Hoje, além do carimbó, as participantes atuam em programas de capacitação artística e de negócios comunitários, incentivando o protagonismo feminino e apoiando organizações indígenas nas lutas pelos direitos dos povos tradicionais.



Print site [Suraras do Tapajós](#)

O grupo de carimbó surge, em 2018, como "mais uma valiosa ferramenta para darmos voz à nossa missão, fazendo com que a voz dos povos indígenas ecoe muito além de seus territórios. Está na hora do mundo conhecer e ouvir as vozes dos povos da floresta", afirma o coletivo.



Foto Barbara Vale @barbaradasfotos

Suraras do Tapajós é um exemplo inspirador de como a arte e a cultura podem ser poderosas ferramentas de transformação social, promovendo o orgulho e a valorização das tradições locais. Seu trabalho é um verdadeiro tesouro cultural que merece ser apreciado e celebrado por todos.

TEATRO DO ETERNO AGORA STUTTGART - ALEMANHA

[@theatre_of_the_long_now](https://www.instagram.com/theatre_of_the_long_now)

Na Alemanha, em outro espetáculo, a discussão do tempo faz conexão com o tempo natural das coisas. "Percebemos que uma das questões mais importantes para fazer arquitetura com sistemas vivos não é apenas lidar com o tempo, porque é preciso tempo para as árvores crescerem e os ecossistemas mudarem,

mas principalmente lidar com as nossas próprias expectativas”, conta Hannes Schwertfeger, idealizador do projeto.

Pensado e organizado para estar entre o teatro e a arquitetura, o Teatro do Eterno Agora é uma performance de pelo menos 100 anos. Para conseguir sobreviver por esse período, a obra tem um modelo de organização bem inspirador: o núcleo do projeto surgiu a partir de parcerias com 14 instituições que têm esse fôlego de mais de 100 anos para continuarem existindo: governo federal, prefeitura, universidades e instituições culturais. “Os atores e tudo o que está envolvido nesta peça são as árvores, os animais, nós e o agora. E o mais bonito para a nossa imaginação é que ninguém, nenhuma planta, nenhum animal verá toda a performance”, conta Hannes.



Foto: @jonaya

O Teatro do Eterno Agora é uma coreografia de 100 anos em um pequeno pedaço de terreno baldio. Os idealizadores do projeto tiveram a ideia porque já trabalhavam com Baubotanik, como arquitetos, desde 2004. “Baubotanik”

significa construir plataformas ou construções técnicas, como sistemas de suporte de carga, em que parte são árvores vivas. Os projetos de Baubotanik levam de 10 a 15 anos para funcionar – o tempo que uma árvore leva para crescer.

Foi então que decidiram trabalhar em conjunto com dramaturgos, coreógrafos e atores. "Decidimos que não somos mais arquitetos. Claro que somos, mas, na maioria das vezes, nós construímos não apenas edifícios, mas algo que chamamos de um espaço de imaginação em processo, um teatro. Em alemão, o termo para 'imaginação' é '*Vorstellung*', que em inglês é o mesmo termo que '*the play*', como peça de teatro!", diz Hannes.

MEMORIAL AO AVANÇO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS - ÓPERA DE STUTTGART



Foto: @jonaya

O telhado de cobre da Ópera de Stuttgart, destruído durante uma tempestade, ganhou um lugar no lago Eckensee, em frente à construção, como um **"Memorial ao Avanço das Mudanças Climáticas" (Mahnmal für den fortschreitenden Klimawandel).**

Em junho de 2022, durante uma tempestade, parte da cidade foi afetada por violentas rajadas de vento. Pedacos de cobre caíram no pátio da ópera, e a ideia do memorial temporário surgiu quando um membro do parlamento estadual, Martin Rivoir, comentou sobre o artista performático Joseph Beuys. Beuys definiu o conceito ampliado de arte, segundo o qual cada pessoa é uma artista. "E a tempestade realmente ampliou esse conceito de arte, essa palavra de Beuys, mais uma vez. Porque aqui a natureza também se tornou artista.", explicou Rivoir.



Foto: @jonaya

REPAIR REVOLUTION!

ZURIQUE, SUÍÇA

museum-gestaltung.ch/en/ausstellung/repair-revolution/

Imaginar um futuro mais sustentável também é possível dentro das instituições tradicionais de cultura. O Museu de Design de Zurique, na Suíça, apresentou a exposição Repair Revolution!, com a visão de uma sociedade de reparação e o papel que o design pode desempenhar para chegar lá. **Consertar não é mais apenas um último recurso, mas uma importante prática cultural, social e econômica que oferece uma alternativa a nossa sociedade descartável.**

A exposição apresenta uma variedade de objetos, desde produtos do cotidiano até obras de arte, demonstrando diferentes abordagens para a reparação e o reaproveitamento criativo.

Antes de entrar no espaço expositivo, nos deparamos com "The Repair Manifesto", que traduzimos abaixo.



Foto Site Museu de Designer Exposição Repair Revolution

Veja aqui o manifesto completo em inglês: [Platform 21](#)

"Pare de reciclar e comece a consertar. É melhor para o meio ambiente e para o uso de recursos.

1. Faça seus produtos durarem mais! Reparar significa aproveitar a oportunidade para dar uma segunda vida ao seu produto. Não descarte, costure! Não jogue fora, conserte! Reparar não é anticonsumo; é anti jogar coisas fora desnecessariamente.

2. As coisas devem ser projetadas para que possam ser reparadas. Designer de produto: torne seus produtos reparáveis. Compartilhe informações claras e compreensíveis sobre reparos "Faça você mesmo". Consumidor: compre coisas que você sabe que podem ser consertadas ou então descubra por que elas não existem. Seja crítico e curioso.

3. Reparo não é substituição. Substituição é jogar fora a peça quebrada. Este NÃO é o tipo de reparo de que estamos falando.

4. O que não mata o torna mais forte. Cada vez que reparamos algo, acrescentamos potencial, história, alma e a beleza inerente ao objeto.

5. Reparar é um desafio criativo. Fazer reparos faz bem à imaginação. O uso de novas técnicas, ferramentas e materiais traz possibilidades, em vez de bicos sem saída.

6. O reparo sobrevive à moda. Reparar não tem a ver com estilo ou tendências. Não há datas de vencimento para itens reparáveis.

7. Reparar é descobrir. Ao consertar objetos, você aprenderá coisas incríveis sobre como eles realmente funcionam. Ou não funcionam.

8. Reparar – mesmo em tempos bons! Se você acha que este manifesto tem a ver com a recessão, esqueça. Não se trata de dinheiro, trata-se de uma mentalidade.

9. As coisas reparadas são únicas. Até mesmo as falsificações se tornam originais quando você as repara.

10. Reparar tem a ver com independência. Não seja escravo da tecnologia – seja seu mestre. Se estiver quebrado, conserte e melhore. E se você é um mestre, capacite outros.

11. Você pode consertar qualquer coisa, até mesmo um saco plástico – Mas recomendamos comprar uma bolsa que dure mais e consertá-la, se necessário."

**PIMP MY CARROÇA
SÃO PAULO, BRASIL**

<https://pimpmycarroca.com/>

De cada 10 quilos de resíduos reciclados no Brasil, 9 foram coletados por catadores.

Inconformado com a invisibilidade dos catadores, o artista Mundano iniciou um processo de reforma estética de algumas carroças. **Ele usa cores, grafites e frases de efeito como forma de expressão e de dar visibilidade a esses trabalhadores.**

O ano era 2012 quando Mundano percebeu que seu trabalho era importante, porém muito pequeno. Foi aí que decidiu juntar forças: organizou um financiamento coletivo e realizou o primeiro Pimp my Carroça. **Quinhentos voluntários e artistas ocuparam o centro de São Paulo. Dezenas de carroças foram pintadas, reformadas e equipadas com itens de segurança.**



Foto: divulgação, [Instagram Mundano](#)



Foto: divulgação, [Instagram Mundano](#)

Deu certo. Outras cidades do Brasil começaram a “pimpar” e o movimento ganhou forma, ganhando modelos de atuação diferentes em cada região: Pimpex, Desafio Pimp, Pimp Nossa Cooperativa, Pimp Nosso Eco Estação, Pimp my Canoa e o **Cataki, um aplicativo pra você chamar o catador pra ir na sua casa buscar os recicláveis que você separou.**

Ações do Pimp my Carroça também foram realizadas em cidades estrangeiras.

A maioria das cidades brasileiras não têm programas de reciclagem eficientes; não há políticas de adaptação às mudanças climáticas, não há limpeza dos rios. Nas palavras do próprio Mundano, **"um catador faz mais do que muito ministro do meio ambiente"**.



Foto: Júlia Nagle @ju.nagle

BERTHA FOUNDATION LONDRES, REINO UNIDO

<https://berthafoundation.org/>

A imaginação desempenha um papel vital na criação de obras de artes únicas, permitindo que expressemos nossas ideias, emoções e conceitos de maneira inovadora. "Toda a nossa teoria de mudança é que a união de ativistas, contadores de histórias e advogados pode provocar uma grande mudança no mundo. Você precisa de ativistas para protestar, para ir às ruas, para lutar de muitas formas diferentes contra a injustiça; **você precisa de contadores de histórias para ampliar o alcance dessas mensagens**, e você precisa de advogados para realmente assumir a legislação para fazer algumas dessas mudanças", conta Adrian Kawaley-Lathan, diretor criativo da Bertha Foundation, que acredita que o ativismo deve estar enraizado nas comunidades, organizações e movimentos.



Print Site [Bertha Foundation](https://berthafoundation.org/)

A organização também toca o Prêmio de Artivismo Bertha, uma oportunidade para artistas, coletivos artísticos e organizações de todo o mundo usarem as artes como um chamado à ação. Adrian nos conta que não se trata de o que você está fazendo como artista, mas sim de como sua arte empodera e inspira as pessoas a agir. Ele relata que quando pensa em impacto, pensa que há uma mudança específica, uma versão futura do que você está imaginando; um desejo de trabalhar para que essa lacuna entre a realidade presente e o futuro potencial seja o que você está sentindo, e é aí que **"a arte empodera a comunidade para manifestar o futuro com o qual ela está sonhando"**.

Um dos projetos apoiados pelo prêmio, em 2023, e um bom exemplo de como a arte pode colaborar com o jornalismo investigativo sobre direitos humanos, meio ambiente e questões trabalhistas, é o The Outlaw Ocean Project (Projeto Oceano Fora da Lei), nos Estados Unidos da América.

Adrian relata que o diretor da organização, Ian Urbina – ex-repórter do New York Times por 17 anos e ganhador de diferentes prêmios –, faz reportagens sobre duros crimes cometidos nas águas, como tráfico humano e trabalho forçado, e para ampliar o alcance das matérias para um público mais jovem e diverso, ele convida músicos e artistas visuais para se inspirarem em qualquer uma de suas reportagens e criar e remixar o que quiserem. "Esses artistas criam murais, músicas, e dessa forma você está alcançando uma geração totalmente diferente, um público totalmente único para se envolver com histórias que são importantes para o futuro da humanidade."



CONVIVÊNCIA, ENCONTRO E APROXIMAÇÃO COM OS SISTEMAS NATURAIS

Conversamos e visitamos alguns espaços construídos para **convivência, encontro e aproximação com os sistemas naturais**, que atuam dentro do conceito de culturas regenerativas, onde sistemas sociais, econômicos e ambientais buscam criar uma relação positiva e de equilíbrio com o meio ambiente.

1. **Academia do Clima - Paris, França**
2. **Casa Ecoativa - São Paulo, Brasil**
3. **Zusammen Leben - Freiburg, Alemanha**
4. **Marais Wiels - Bruxelas, Bélgica**
5. **Reocupa - São Luís do Maranhão, Brasil**
6. **Chante de Cailles - Bruxelas, Bélgica**
7. **Neckarinsel - Stuttgart, Alemanha**
8. **Floating University - Berlim, Alemanha**
9. **Condô Cultural - São Paulo, Brasil**
10. **Klima Pavillon - Zurique, Suíça**
11. **Instituto ZeroCem - Brasil**
12. **GSCC - Conselho Global de Comunicações Estratégicas - Global**
13. **Both Ends - Utrecht, Holanda**
14. **A Vida no Cerrado - Distrito Federal e Goiás, Brasil**
15. **MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens, Brasil**
16. **Comitê Chico Mendes - Rio Branco, Brasil**

ACADEMIA DO CLIMA PARIS, FRANÇA

www.academieduclimat.paris/

Educação climática é urgente para que todos possam participar do debate sobre a transição ecológica.

A **Academia do Clima** é um espaço para aprender, discutir e agir, com *workshops*, conferências e debates, projeções, exposições, eventos, pomar, biblioteca, etc., gratuito e aberto, no meio de Paris. Lá são acolhidos grupos em torno de percursos educativos que acompanham os jovens da sensibilização ao empenho através do “aprender fazendo”.



Foto: @jonaya

Por ser um espaço institucional fomentado pela prefeitura de Paris, a Academia pretende fornecer os meios para os cidadãos da cidade entenderem, experimentarem e se mobilizarem sobre os desafios climáticos, bem como as possibilidades de ação para construir coletivamente os caminhos para um futuro desejável. Em um ano de existência, a Academia organizou mais de 600 eventos, alcançou mais de 16.650 alunos e recebeu mais de 60.000 visitas.



Foto: @jonaya

CASA ECOATIVA SÃO PAULO, BRASIL

[@casa_ecoativa](#)

Nas margens da Represa Billings, há quase 20 anos, o que era um espaço abandonado virou um exemplo de gestão participativa. Assim nasceu a Casa Ecoativa, um centro ecocultural, fruto da mobilização comunitária de jovens da Ilha do Bororé, no Grajaú, extremo sul de São Paulo, à beira de um dos maiores e mais importantes reservatórios de água da Região Metropolitana.



Foto: Divulgação Ecoativa

Ocupar um espaço público ocioso e fazer dele um centro cultural pelo clima, com foco no resgate da cultura da comunidade, valorizando os artistas populares da região e ações voltadas à preservação do meio ambiente: este é o propósito

da casa, que recebe jovens estudantes que participam de rodas de conversa, desenvolvem atividades em meio à natureza, preparam e compartilham refeições orgânicas e veganas, além de desenvolverem outras atividades reflexivas e de formação.



Foto: Divulgação Ecoativa

Foi numa dessas atividades que nasceu a "Na Ilha Agência Jovem de Notícias", feita por estudantes do ensino médio da Escola Adrião Bernardes, que atua promovendo a conscientização socioambiental através da identificação, divulgação e criação de soluções para os problemas ambientais locais, no bairro do Grajaú.



Foto: divulgação Ecoativa

Para a turma da Ilha do Bororé, a sensação de pertencimento a uma comunidade que cuida do meio ambiente é muito importante, afinal, há natureza para todos os lados.

A necessidade de pertencer é uma necessidade social humana, e criar espaços de pertencimento e acolhimento vai ajudar na transição de imaginário de que precisamos.

ZUSAMMEN LEBEN FREIBURG, ALEMANHA

zlev.de/en

Organização fundada em 2015, o Zusammen Leben fica localizado em Dorfbach, próximo ao distrito de Vauban - Freiburg, Alemanha. O grupo trabalha com a construção de espaços inclusivos de encontros, baseando-se na mesma necessidade da Casa Ecoativa, a **necessidade humana central, a aspiração de pertencer**.

O coletivo atua em 4 núcleos: arte e cultura, trabalho e ocupação, comida e bebida, jardinagem e educação ambiental.



Foto divulgação Site Zusammen Leben

São criados espaços de encontro coletivo que juntam pessoas de diversas origens: no palco, na horta comunitária e no café. Com isso, há uma facilitação de envolvimento, empoderamento e participação ativa na sociedade.

"Nós trabalhamos em grandes tópicos de justiça social, com foco na participação e justiça climática e na mudança do sistema alimentar", nos conta Johanna Dangel, que trabalha com arte e cultura no projeto.



Foto: Divulgação Site Zusammen Leben

Um dos muitos projetos desenvolvidos pela organização é o KlimaKüche, um dos preferidos de Johanna, pois combina muitos aspectos socioecológicos em um único formato: aulas de culinária com imigrantes de diversos países, que compartilham suas receitas favoritas.

Coxinhas

**Zweierlei gefüllte
Coxinhas & Krautsalat**

Juni
 vegetarisch 4 Personen

TEIG 12 COXINHAS
500g festkochende Kartoffeln
-130% Mehl
400ml (Kartoffel-)Wasser
1 Kl. Bund Petersilie, fein gehackt
1 Schabergklee
Gemüsebrühe
Salz

PANADE COXINHAS
1 Ei
200g Paniermehl
2 EL (Kartoffel-)Wasser
etwas Sonnenblumenöl
-500ml Bratöl zum Frittieren

PLIZ-FÜLLUNG
2 EL Sonnenblumenöl
125g Champignons in 4 Würfeln
35g gehackte Walnusskerne
1 Zwiebel, klein gesch.
1 Knoblauchzehen, fein gesch.

ROTE BEETE-FÜLLUNG
2 EL Sonnenblumenöl
1 Zwiebel, klein gesch.
1 Knoblauchzehen, fein gesch.
1 Rote Beete, geraspelt
50g Feta

SALAT
1/2 Weißkohl
3 kleine Zwiebeln,
1 TL Salz
4 EL Apfelbalsam
2 EL Rapuzöl

UND SO GEHT'S:

1. Kartoffeln schälen, in gelbbalgroße Stücke schneiden und in Salzwasser kochen bis sie weich sind (ca. 20 Min.), dann abgießen (und Kochwasser aufbewahren) und zerdübeln. Alternativ ungeschälte Kartoffeln im Backofen bei 120° 45 Minuten garen bis sie weich sind, dann schälen und zerdübeln.
2. Für die Füllungen: In zwei Pfannen Zwiebeln anschwitzen. Wenn die Zwiebeln glasig sind, Pilze, Knoblauch und Walnüsse in die eine Pfanne und rote Beete in die andere geben. Abschmecken mit Salz, Pfeffer und etwas Petersilie. Abkühlen lassen. Feta unter die Rote Beete Masse mengen.
3. Den Weißkohl ganz dünn hobeln, Zwiebel in dünne Scheiben schneiden und dazu geben. Salz, Apfelbalsam und Rapuzöl mit den Händen gut in den Salat einarbeiten. Kurz vor dem Servieren mit Salz und Apfelbalsam abschmecken.
4. (Kartoffel-)Wasser erhitzen und mit den zerstampften Kartoffeln vermergen und aufkochen lassen. Dann nach und nach unter stetem Rühren das Mehl einrühren bis die Masse richtig klebrig ist (Brandteig-Prinzip). Petersilie dazu und mit Salz und Pfeffer abschmecken. Abkühlen lassen.
5. Panierströbte aufbauen mit einem Teller Paniermehl und einer Schüssel verquirlten Ei mit (Kartoffel-)Wasser. Hände einölen.
6. Einen gehäuften Esslöffel Teig in der Hand zum Ball rollen, dann handtellergroß flach drücken, 1 Ei von einer Füllung darauf und den Teig darum schließen. Zu einem Tropfen formen. Dann erst durch das Ei und dann durch das Paniermehl ziehen. Das Bratöl erhitzen und alle Coxinhas ausfrühen bis sie goldgelb sind.
7. Schön anrichten und servieren. Guten Appetit!

Das Rezept für die Februar Klimaküche von zusammen leben e.V. wurde entwickelt in Kooperation mit Dora Fir e.V. Der Verein hat sich zur Aufgabe gemacht, die brasilianische Kultur in Flensburg zu leben.

Dora Fir e.V.

Kurdisch Kochen

Pap Chakalaka

UND SO GEHT'S:

1. Kartoffeln schälen, in gelbbalgroße Stücke schneiden und in Salzwasser kochen bis sie weich sind (ca. 20 Min.), dann abgießen (und Kochwasser aufbewahren) und zerdübeln. Alternativ ungeschälte Kartoffeln im Backofen bei 120° 45 Minuten garen bis sie weich sind, dann schälen und zerdübeln.
2. Für die Füllungen: In zwei Pfannen Zwiebeln anschwitzen. Wenn die Zwiebeln glasig sind, Pilze, Knoblauch und Walnüsse in die eine Pfanne und rote Beete in die andere geben. Abschmecken mit Salz, Pfeffer und etwas Petersilie. Abkühlen lassen. Feta unter die Rote Beete Masse mengen.
3. Den Weißkohl ganz dünn hobeln, Zwiebel in dünne Scheiben schneiden und dazu geben. Salz, Apfelbalsam und Rapuzöl mit den Händen gut in den Salat einarbeiten. Kurz vor dem Servieren mit Salz und Apfelbalsam abschmecken.
4. (Kartoffel-)Wasser erhitzen und mit den zerstampften Kartoffeln vermergen und aufkochen lassen. Dann nach und nach unter stetem Rühren das Mehl einrühren bis die Masse richtig klebrig ist (Brandteig-Prinzip). Petersilie dazu und mit Salz und Pfeffer abschmecken. Abkühlen lassen.
5. Panierströbte aufbauen mit einem Teller Paniermehl und einer Schüssel verquirlten Ei mit (Kartoffel-)Wasser. Hände einölen.
6. Einen gehäuften Esslöffel Teig in der Hand zum Ball rollen, dann handtellergroß flach drücken, 1 Ei von einer Füllung darauf und den Teig darum schließen. Zu einem Tropfen formen. Dann erst durch das Ei und dann durch das Paniermehl ziehen. Das Bratöl erhitzen und alle Coxinhas ausfrühen bis sie goldgelb sind.
7. Schön anrichten und servieren. Guten Appetit!

Das Rezept für die Februar Klimaküche von zusammen leben e.V. wurde entwickelt in Kooperation mit Dora Fir e.V. Der Verein hat sich zur Aufgabe gemacht, die brasilianische Kultur in Flensburg zu leben.

Dora Fir e.V.

Os participantes podiam aprender as receitas e, depois, o evento era aberto ao público para experimentar o prato, que, dentro do possível, era feito com ingredientes sazonais, orgânicos e vegetais. "Os organizadores também fizeram a curadoria do espaço com intervenções artísticas que dialogassem com a comida, e, no final, publicamos esses cartões de receitas para mostrar como seria a alimentação de um futuro sustentável", comenta Johanna. Teve até receita de coxinha!

MARAIS WIELS BRUXELAS, BÉLGICA

[@marais_wiels](#)

Em Bruxelas, trabalhos de escavação realizados na área que abrigou uma cervejaria do final do século XIX ocasionaram a ruptura de um lençol freático, formando um corpo d'água natural, mas acidental. O local se tornou o lar de toda a biodiversidade que caracteriza um pântano.



Foto Redes Sociais Marais Wiels

Assim surgiu o Marais Wiels, um exemplo de espaço de culturas regenerativas que se inspiram nos padrões e processos encontrados na natureza, reconhecendo que os sistemas naturais são capazes de se auto regenerar. No coração do centro urbano de Bruxelas, na Bélgica, a natureza recuperou seus direitos após 10 anos de abandono.

Em colaboração com esse sistema natural acidental, pessoas interessadas em preservar esse ecossistema se juntaram e surgiu **"uma espécie de colaboração natural entre a natureza e os humanos para lutar contra a destruição do local"**, segundo informações das redes sociais do coletivo.

Em 2019, um grupo de moradores começou a se reunir todo domingo para mutirões de limpeza, ficando conhecido como "Fadas do Marais", e atraindo a atenção da imprensa local. O grupo era composto por artistas, pesquisadores e universitários engajados.

"É um espaço importante de diferentes pontos de vista. Pessoas que não têm espaços para plantar podem vir pra cá pra cultivar horta, descansar. É psicologicamente importante você poder olhar um pouco mais longe, o que não é possível na cidade, só em parques maiores. As pessoas se inspiram, podem pesquisar e fazer arte. Arquitetos ou bioengenheiros utilizam o espaço para uma aula de bioengenharia, para desenvolver coisas e criar com base nos elementos naturais que se encontram aqui. São belos exemplos de criatividade", nos conta uma das integrantes do espaço, Leila Bensalem.



Foto Redes Sociais Marais Wiels

Tanto espaços naturais como espaços históricos nos centros da cidade são espaços de debate climático.

REOCUPA MARANHÃO, BRASIL

@re_o_cupa

A Floresta Amazônica ocupa 34% do território do Maranhão, único estado do nordeste brasileiro que faz parte do bioma. Em um casarão localizado no centro histórico de São Luís, capital do estado, três artistas criaram um espaço plural, aberto para as mais diversas manifestações culturais, artísticas e de luta. Assim nasceu o coletivo Resistência Cultural Upaon Açu.



Foto: Deuza Brabo

Também conhecido como Reocupa, o coletivo se destaca como um importante mobilizador sociocultural do estado. São diversas atividades e linhas de atuação: educação política, mobilidade urbana, direito à cidade e meio ambiente.

Desde 2022, por meio de táticas de cultura, arte e ativismo, o grupo vem construindo uma agenda participativa e engajada em torno da defesa da Amazônia e de seus povos, como o Resistência Fest, festival de música em defesa da Amazônia que já reuniu mais de 15 mil pessoas.



Foto: Don Salvatore

CHANTE DE CAILLES BRUXELAS, BÉLGICA

www.chantdescailles.be

Localizado em Bruxelas - Bélgica, o Chante de Cailles, ou o Canto das Codornas em português, é um projeto de agricultura urbana intergeracional e aberto a todas as pessoas da vizinhança, reunindo diferentes áreas de atividade em torno da alimentação e de outra forma de produzir e consumir.



Foto: Site [Chante de Callais](#)

Juntos, profissionais e cidadãos vivenciam uma transição ecológica, democrática, social, relacional e econômica rumo a um mundo sustentável, participativo, justo e resiliente. "Acho que quem trabalha nesse tipo de ambiente e nesses tipos de projetos realmente se conecta novamente com o que somos como pessoas que vivem na Terra. **Penso que é uma forma muito poderosa de se conectar com os outros e com os seus**", relata Fanny Vinet, uma das participantes do projeto.

Fanny também destaca que, para ela, "tudo o que você coloca na sua vida pode ser arte. Se você olhar as pequenas ervas no campo, se você olhar como as florzinhas estão crescendo, como as ovelhinhas estão descansando, isso já é algo que pode te inspirar. Arte é como o dia a dia, e até o que você coloca no prato está gerando um pouco de combustível para o seu dia, um pouco de energia. **Para mim a arte é muito ampla, então acho que ela está em todo lugar – é só você abrir os olhos.**"

Para fazer parte é necessário morar no entorno do projeto e estar disponível para a convivência. Cada um pode participar de acordo com a sua vontade, fazendo parte de um dos grupos de trabalho. Para conhecer as atividades, são organizadas sessões informativas no 1º domingo de cada mês onde os membros farão uma visita e mostrarão os diferentes projetos organizados no local.



Print Site Chante de Callais

As pessoas da cidade devem se aproximar da terra e da água para se reconectar ao imaginário.

**NECKARINSEL
STUTTGART, ALEMANHA**

<https://www.neckarinsel.eu/en>

Sentir o rio – essa conexão é a proposta do projeto Neckarinsel, nas beiras do rio Neckar, em Stuttgart. “É um lugar bonito para todas as pessoas da cidade, onde podemos conhecer e vivenciar o rio e a água, e acho muito importante vivenciar algo assim, porque em Stuttgart, na maior parte do tempo – e eu estou morando aqui toda a minha vida –, **aqui a gente geralmente não sente o rio**”, comenta um dos organizadores do projeto.



Foto: Print Site Neckarinsel

O Neckarinsel é uma iniciativa interdisciplinar com o objetivo de ajudar a moldar o futuro de uma cidade habitável no rio, onde a população é convidada a fazer parte dessa transformação.

O problema do rio Neckar é a contaminação – mais especificamente, as bactérias da poluição de toda a sujeira e esgoto que chegam na água do rio. **Normalmente a água é condicionada nos canais e flui para a estação de tratamento, mas quando está chovendo muito, transborda. E nos últimos anos, com as mudanças climáticas, o verão está ficando mais quente e a cidade está recebendo mais chuvas fortes.**



Foto @gessicaarjona

O trabalho é trazer o rio de volta à consciência das pessoas e criar um lugar de intercâmbio, educação e experiência para a cidade na água. O objetivo de longo prazo é um redesenho cooperativo, sustentável e radicalmente positivo do rio Neckar em Stuttgart: diferentes formatos para jovens e idosos, vizinhos e entusiastas do rio, como um espaço de transmissão e produção de conhecimento, com um leque variado de ofertas: visitas guiadas à ilha, um posto público de medição da qualidade da água, uma semana na ilha com palestras e *workshops*.

Uma curiosidade do projeto é seu modelo de organização. Os idealizadores fizeram um contrato de locação do espaço com a prefeitura da cidade, com pagamento de um valor irrisório, mas foi a partir daí que conseguiram autorização para uso do espaço.

Assim, através dessas atividades, o grupo pretende fortalecer uma mudança de perspectiva sobre como lidar com a água como um recurso e com a vida no rio, além de várias cooperações de educação, arte e ciência que formam a base para um laboratório de água no Neckar.

Espaços na natureza das cidades tendem a ampliar o pensamento de que somos natureza, e preservá-la é nos mantermos vivos.

FLOATING UNIVERSITY BERLIM, ALEMANHA

<https://floating-berlin.org/>

A água talvez seja o elemento mais forte de conexão entre as pessoas e os ecossistemas naturais. Também em volta da água, em Berlim, surge o Floating University. O projeto foi uma ideia coletiva de um grupo de artistas, designers e arquitetos, em 2017. "O que mais me tocou foi a própria energia, imaginação e paciência das pessoas que trabalham aqui e desenvolvem as coisas. E então você se envolve, e isso é muito comovente", conta Florian Foerster, arquiteto integrante do grupo.

No local da Universidade Flutuante, uma diversidade de animais, plantas e algas criou raízes e deu origem a uma paisagem única: um ambiente artificial recuperado pela natureza onde a água poluída coexiste com a presença relativamente nova da universidade.

O local foi projetado no início da década de 1930, como uma bacia de retenção de água da chuva para servir ao campo de aviação de Tempelhof e às avenidas do entorno, e foi envolto em concreto pelo exército norte-americano após a Segunda Guerra Mundial. Hoje, permanece como uma infraestrutura pública em pleno funcionamento: retém e desvia a água da chuva para o sistema de canalização da cidade. Também é cercado por um "Gartenkolonie" – um lote ou horta comunitária –, e, portanto, é quase invisível para os transeuntes.

Depois que o aeroporto de Tempelhof foi fechado, em 2008, o plano de desenvolvimento da cidade propôs construir sobre o aeródromo e realocar a infraestrutura de águas pluviais vizinha. Isso teria transformado o terreno de 22.500 m² de propriedade da cidade ocupado pela bacia em um ativo valioso e lucrativo para o portfólio imobiliário de Berlim. No entanto, no referendo de

Tempelhof de 2014, os berlinenses votaram contra e impediram qualquer tipo de construção no aeródromo. O resultado deste referendo não apenas protegeu o espaço verde único do centro da cidade, mas também garantiu proteção para a bacia.

A bacia de coleta de água da chuva (o que chamamos de “piscinão” no Brasil) estava fechada para o público há mais de 80 anos. Na pesquisa para a “grande feira mundial 2012”, que ocorreu no antigo aeroporto de Tempelhof, o grupo de arquitetura Raumlaborberlin descobriu a bacia pela primeira vez. Desde então, o processo de envolvimento com o local começou e, quando a Universidade Flutuante foi inaugurada, em 2018, foi uma decisão explícita reativar a infraestrutura aquática como um espaço cultural e sociopolítico.

A missão da Universidade Flutuante é abrir, suavizar, manter e cuidar dessa infraestrutura urbana pública única, de sua cultura humana e suas camadas multiespécies, enquanto traz programas não disciplinares, radicais e colaborativos para o público. Em outras palavras, **é um lugar para aprender a se envolver, abraçar a complexidade e navegar pelos emaranhados do mundo, imaginar e criar diferentes formas de viver.**

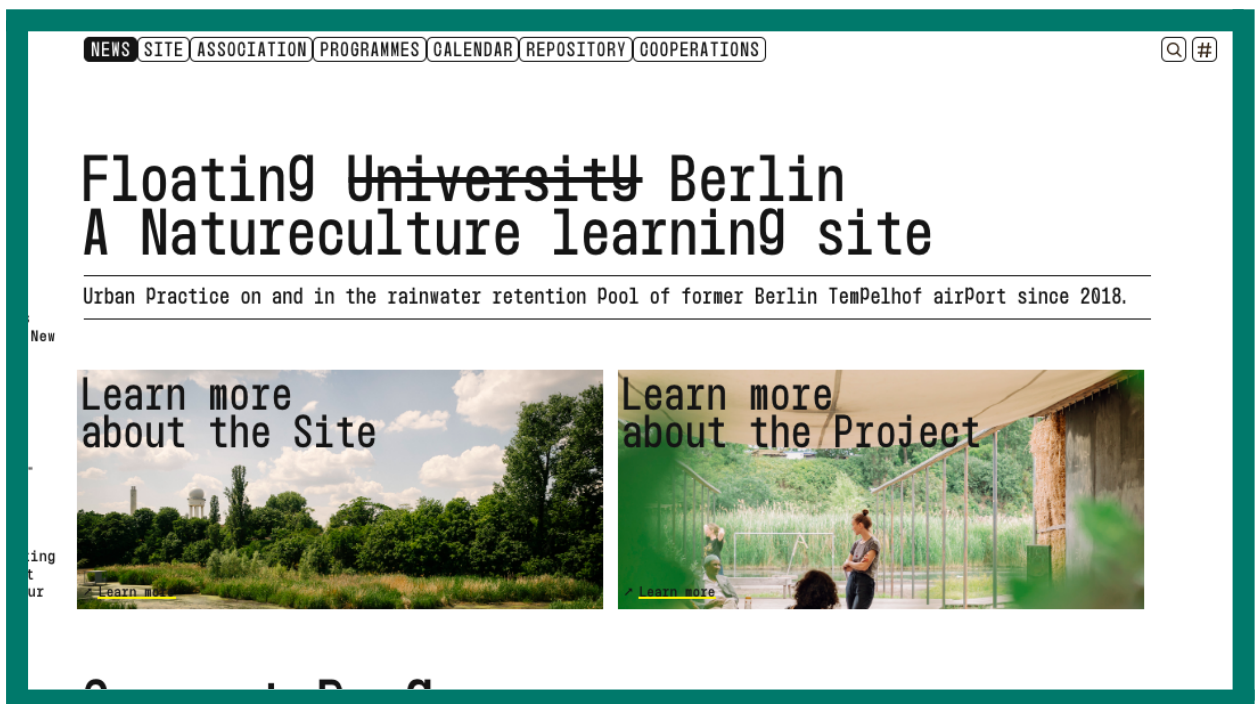


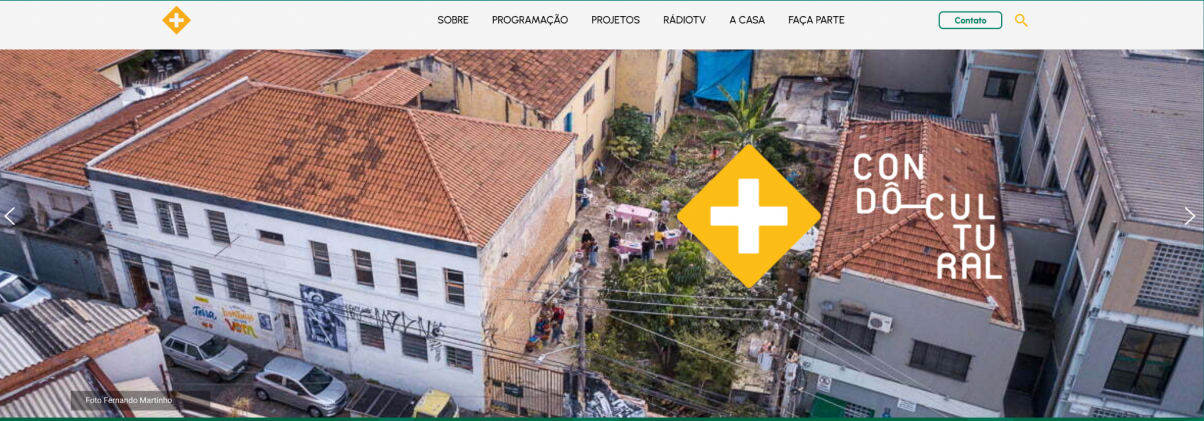
Foto: Print Site Floating University

A criação de espaços político-pedagógicos na arte permite mobilizar e engajar pessoas através de ações criativas.

CONDÔ CULTURAL SÃO PAULO, BRASIL

<https://condo.org.br/>

O **Condô Cultural** é uma associação cultural brasileira que produz e promove ações criativas nas áreas da cultura, das artes e do meio ambiente. Como um centro de convivência, está localizado na Vila Anglo Brasileira, na cidade de São Paulo.



SOMOS

uma associação que produz e promove ações criativas nas áreas da cultura, artes e meio ambiente

Icons: 1. Radio waves, 2. Human figure, 3. Flower, 4. Grid pattern, 5. Plant sprout, 6. Musical notes, 7. Leaf branch.

Foto: Print Site Condô Cultural - Fernando Martinho

O prédio que abriga o projeto foi uma escola entre 1933 e 1955 e um antigo hospital entre 1956 e 1995. Esteve abandonado por 15 anos até o início do Condô Cultural, em 2010, como centro cultural colaborativo, sendo mantido pelos artistas que o ocupam. O projeto tem foco na criação e experimentação com a perspectiva de encontrar alternativas nas relações humanas para a convivência.

Com o compartilhamento do ambiente e com a aplicação da "tecnologia do encontro", é possível que diferentes pessoas se conheçam, sendo muitas vezes estimuladas pelos processos umas das outras, potencializando a criação de propostas conjuntas de coletivos e artistas do Brasil e do mundo. Nesta casa habitada por ideias, a prática é a forma coletiva de organização e gestão, pautada pelo dinamismo do dia a dia. A colaboração é uma das principais ferramentas para a existência e o funcionamento do projeto, que defende, por meio da arte e do acesso à cultura, o diálogo e a construção de um mundo melhor.



Foto: Conrado Lessa

Nesses mais de 10 anos de existência, o grupo já realizou diversas atividades. Exemplos de projetos que também unem arte, meio ambiente e construção de relação comunitária são o Jardim das Delícias e o Ponto de Compostagem Comunitária. O **Jardim das Delícias** é um ambiente de conexão com os ciclos orgânicos da terra, com as estações, com a vizinhança e com os frequentadores do espaço, onde se cultiva alimentos orgânicos variados. Também é um espaço para vivenciar processos agroflorestais e ampliar as trocas e conversas sobre as práticas ecoculturais urgentes e necessárias, abordando temas como **soberania alimentar, alimentação saudável, cultivo de alimentos na cidade, compostagem e mudanças climáticas**.

A **Compostagem Comunitária** está aberta todos os domingos para receber os resíduos orgânicos da vizinhança. Em pouco mais de dois anos de funcionamento, já foram compostadas mais de 8 toneladas de resíduos. É possível comparecer aos domingos, entre 9h e 14h, para tomar o delicioso Café Caipira, visitar o Ponto de Arte Indígena, com artesanatos de mais de 10 diferentes etnias do Brasil, e aproveitar para conhecer o espaço.



Foto Print da Campanha #compostavilaanglo - divulgação Condô Cultural

KLIMA PAVILLON ZURIQUE, SUÍÇA

<https://www.klimapavillon.ch/>

Esse ponto, situado em Zurique - Suíça, é um quiosque que existe há muito tempo na cidade. Já foi local de venda de ingressos para eventos culturais e está no imaginário coletivo como um ponto de informação. Como Klima Pavillon - Biblioteca para um Futuro Feliz, existe desde 2020, e é dedicado ao tema das mudanças climáticas, fazendo parte da associação Climate City Zurich.



Foto: Markus Keller

A Biblioteca para um Futuro Feliz inspira ações e soluções nas áreas de mobilidade, construção, energia, nutrição, agricultura, consumo e finanças, criando uma visão coletiva para o ano de 2043. Esse ponto de encontro busca

mostrar possíveis caminhos para sair da crise climática e para um futuro feliz, tornando-se um contraponto à desesperança e à ansiedade climática.

Como passamos dos desafios que enfrentamos para uma atitude positiva?

Sonja Schenkel, uma das idealizadoras do projeto, nos conta que realizaram algumas pesquisas e descobriram que apenas apontar o problema pode bloquear a nossa criatividade e nos fazer olhar o mundo somente através dessa perspectiva, deixando a sensação de que não podemos mudar nada. Assim, o grupo começou a conversar sobre como podemos passar da crise climática para a felicidade climática.



Foto: Markus Keller

Ela também relata que **"crise" é originalmente uma palavra grega que quer dizer "ponto de virada", e um ponto de virada significa que você mudou sua perspectiva corretamente.** Então, surgiu a questão de como podemos usar esta crise para criar algo realmente positivo para a humanidade e não-humanidade. **E assim nasceu a ideia da Biblioteca para um Futuro Feliz.**

"Como você vai lidar com isso? Como você vai se sentir com isso? O que a Unesco tem dito é que esses são efeitos com os quais vamos lidar cada vez mais. Situações que ninguém nunca viu. Então, faz parte desta alfabetização de futuros. Como praticar para lidar com o desconhecido?", diz Sonja. "Então a gente foi buscar caminhos possíveis. Como você inspira as pessoas a olharem para dentro e quais são os sentimentos relevantes quando você fala sobre um futuro feliz?".

Você pode contribuir para a biblioteca de qualquer lugar do mundo através de textos, fotos, maquetes, vídeos e áudios, contanto que você explore as questões abaixo e estabeleça alguma conexão com a cidade de Zurique: como criaremos um futuro positivo e favorável ao clima nos próximos 20 anos? Como está o mundo e que obstáculos e transformações superaremos no processo?

As contribuições para a biblioteca podem ser inseridas digitalmente [clitando aqui](#).

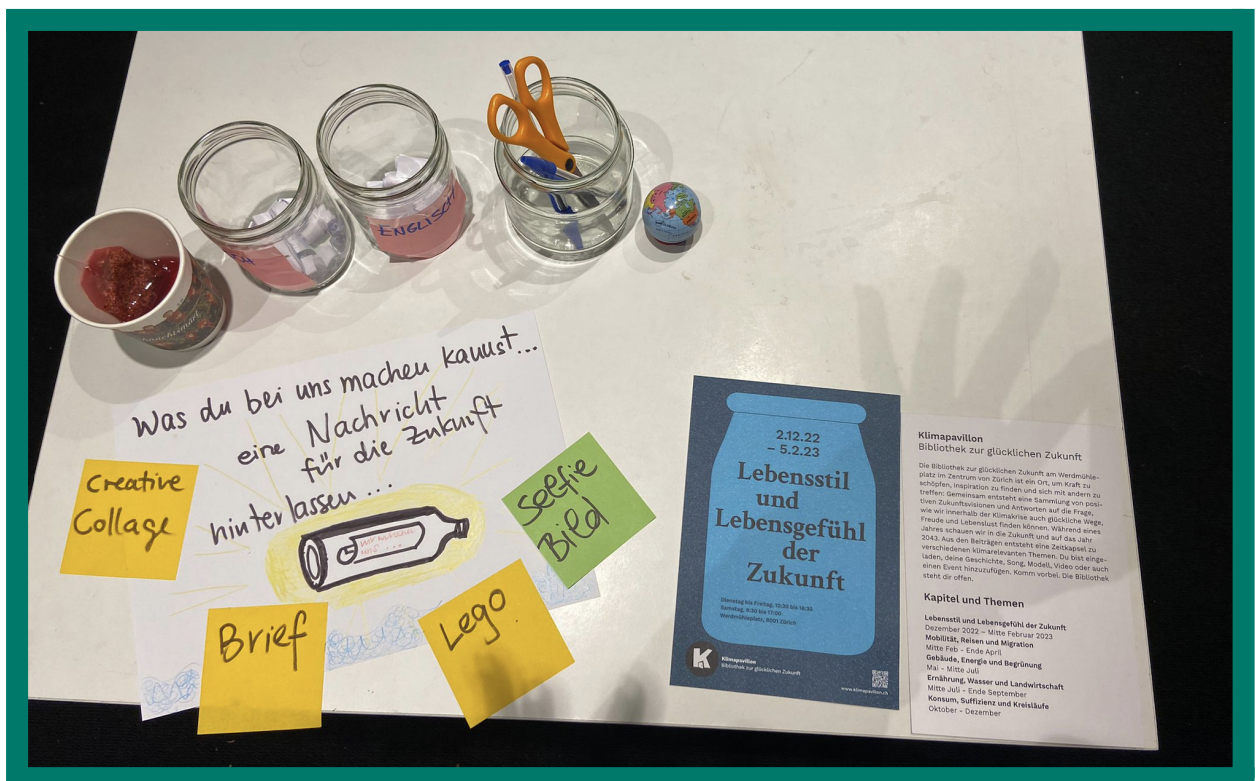


Foto: Markus Keller

Imaginar o futuro e conhecer o passado são as chaves para agir no presente.

INSTITUTO ZEROCEM BRASIL

<http://zerocem.org/>

Conversamos com Fernando Túlio, em Zurique, Suíça, sobre movimentos ativistas, ações socioambientais e estratégias para o futuro. **"Estou fazendo alguns cenários até 2050 e geo-especializando o impacto de gênero, raça, classe, primeira infância e terceira idade. Como seria no mapa o impacto para fazer um debate mais sociopolítico de quais são os autores, os interesses, as disputas nesses processos?"**, conta Fernando sobre os projetos que o Instituto ZeroCem está desenvolvendo, onde ele atua como diretor de relações institucionais, arquiteto e urbanista.

A perspectiva que o grupo traz é que a luta ambiental deve de fato entrar na questão da desigualdade, de decolonizar o mundo e, ao mesmo tempo, descarbonizá-lo. Existem muitos movimentos, por exemplo, que falam de desigualdades, mas também é necessário abordar pautas climáticas, como ativismos contra remoções, contra a especulação, direito à cidade. O Instituto ZeroCem de pesquisa aplicada tem foco em dinâmicas socioespaciais e atua na produção de estratégias para transições socioambientalmente justas, estruturadas a partir da compreensão sistêmica dos territórios e do engajamento democrático dos sujeitos que vivem neles e os constroem.

Pesquisas e mapas podem nos dar pistas dos caminhos para a transição climática. Arte e comunicação criativa são fundamentais no processo.

GSCC - GLOBAL STRATEGIC COMMUNICATIONS COUNCIL (CONSELHO GLOBAL DE COMUNICAÇÕES ESTRATÉGICAS) GLOBAL

<https://gscnetwork.org/>

Profissionais de comunicação são fundamentais para construir um amplo apoio de soluções para a crise climática. A arte é como um motorista para a imprensa, porque entrega e divulga mais quando a notícia tem uma foto, uma imagem que sintetize a ação.

"Em um mundo que está aquecendo cada vez mais, pode fazer muito sentido também para os artistas pensar na forma de contribuir para uma sociedade em mudança, para um mundo em mudança e uma natureza que também está mudando. Este é um campo em que a cooperação pode ser muito útil para ambos os lados", conta Ferdinand Dürr, um dos coordenadores do GSCC.



Foto: [Site GSCC](#)

A arte, em cooperação com as campanhas, potencializa a formação da opinião pública sobre a crise climática.

BOTH ENDS UTRECHT, HOLANDA

<https://www.bothends.org/en/>

Both Ends (ou numa tradução livre, "Ambas as Pontas"), é uma organização não governamental da Holanda e apresenta três principais estratégias: fomentar uma sociedade civil capacitada e influente; fomentar uma mudança sistêmica nas instituições públicas que priorize as pessoas e o planeta e fomentar práticas transformadoras. A importância da opinião pública sobre as alterações climáticas aqui é crucial. "Tudo começa com a conscientização do público e, depois, esperançosamente, com alguma pressão pública. As coisas mudam porque os políticos ouvem o público. Quando se trata de mudanças climáticas, isso já está acontecendo, e precisamos também olhar para a adaptação", comenta Annelieke Douma, integrante da Both Ends.

Ela nos contou que publicaram, em junho, numa página de um grande jornal da Holanda, uma propaganda com centenas de logotipos de organizações que assinaram um manifesto atestando que precisamos realmente nos livrar dos subsídios aos combustíveis fósseis. Todos esses logotipos sendo veiculados por tantos grupos na sociedade formam uma ação de opinião pública muito forte.

Juntamente com uma rede global de parceiros, a Both Ends trabalha em três caminhos estratégicos: uma sociedade civil empoderada e influente, uma mudança sistêmica nas instituições públicas que prioriza as pessoas e o planeta e práticas transformadoras.



Foto divulgação Both Ends

A VIDA NO CERRADO DISTRITO FEDERAL E GOIÁS, BRASIL

<https://www.avidanocerrado.com>

Savanas são formações vegetais com árvores pequenas e arbustos. Adaptadas ao clima seco, elas crescem em solos pouco férteis. No Brasil, essa vegetação pode ser encontrada no Cerrado. A savana brasileira é a mais biodiversa do planeta, e é em defesa dessa biodiversidade que atua o pessoal da ONG A Vida no Cerrado. O movimento surgiu em 2020, a partir da inquietação de jovens universitários com os desmontes das políticas de proteção ambiental e a crescente degradação do bioma.



Foto: Divulgação, A Vida No Cerrado

Entre as atividades estão ações de educação socioambiental e realização de ações de *advocacy* climático, propondo e monitorando agendas ambientais sobre o Cerrado com lideranças, tomadores de decisões e personagens políticos. O principal foco no momento é a pressão pela aprovação da PEC 504/10, que transforma o Cerrado e a Caatinga em Patrimônio Nacional.

Ações criativas também fazem parte da rotina da organização, como foi o caso do 1º Concurso de Fotografia e Vídeos de Natureza, que recebeu centenas de arquivos retratando a beleza e a importância da região.

Outro tipo de ação foi a mobilização no Twitter para alertar a população e a mídia sobre um Projeto de Lei que visava reduzir a área do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A hashtag #SalveaChapada ficou por mais de 24 horas nos *trending topics* da rede social e, depois disso, houve grande cobertura da mídia em cima do PL - que foi arquivado posteriormente.



Foto Alisson Garcia

Não podemos deixar crimes ambientais impunes.

MAB - MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS BRASIL

[@atingidosporbarragens](https://www.instagram.com/atingidosporbarragens)

Os rompimentos das barragens em Mariana (2015), e em Brumadinho (2019), ambos em Minas Gerais, são exemplos práticos de racismo ambiental. Na primeira tragédia, 84,5% das vítimas eram negras. No segundo desastre, 58,8% das vítimas do Córrego do Feijão e 70,3% do Parque da Cachoeira se declararam como não-brancas. O racismo desumaniza pessoas não brancas, o que faz com que o sofrimento dessas populações seja constantemente minimizado ou naturalizado, e isso influencia nas escolhas dos tomadores de decisões e comprova que os impactos ambientais têm cor, raça e lugar social.

Além do mais, grupos racializados e de baixo poder econômico costumam ter menos tempo, instrução e poder de enfrentamento para combater empreendimentos que possam vulnerabilizar suas comunidades. É aí que entra o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). O movimento nasceu na década de 1980, com o objetivo de organizar os atingidos por barragens (antes, durante ou depois da construção dos empreendimentos) em todo o Brasil. Por meio de experiências de organização local e regional, enfrentando ameaças e agressões sofridas na implantação de projetos de hidrelétricas, o movimento se transformou em organização nacional. Hoje, além de lutar pelos direitos dos atingidos, reivindica um Projeto Energético Popular, com foco na ampliação da participação popular nas decisões sobre a política energética nacional e em superar o modelo energético de mercado, tratando serviços essenciais como direito e não como mercadoria.



Foto: Divulgação, site [MAB](#)

A pressão popular é a principal forma de luta do movimento, que acaba de lançar a campanha Revida Mariana, 8 anos após o desastre que arrasou vidas, contaminou rios e destruiu a fauna e flora em mais de 40 cidades. Até hoje os responsáveis permanecem impunes e os atingidos, sem reparação.



Foto divulgação, MAB

Devemos proteger os defensores.

COMITÊ CHICO MENDES RIO BRANCO, BRASIL

[@chicomendescomite](https://www.instagram.com/chicomendescomite)

O Acre fica na região Norte do Brasil, no meio da floresta amazônica, fazendo fronteira com a Bolívia e o Peru. É lá que nasceu Chico Mendes, seringueiro, sindicalista e um dos maiores ativistas políticos brasileiros. Seu ativismo lhe trouxe reconhecimento internacional, ao passo em que provocou a ira dos grandes fazendeiros locais que o assassinaram.

O Comitê Chico Mendes é uma organização criada na noite de sua morte, em 1988, como uma estratégia de mobilização da sociedade para pressionar o governo a investigar e punir os assassinos. Dois anos depois os executores foram presos, porém, os mandantes do crime seguem livres.

Para cuidar da memória e do legado de Chico Mendes, todos os anos o comitê promove a Semana Chico Mendes, que acontece de 15 a 22 de dezembro (datas de nascimento e morte do ativista). As atividades acontecem nas cidades de Xapuri e Rio Branco, sempre com envolvimento de jovens do território e de contexto urbano, mobilizando a sociedade em torno do debate socioambiental.



Foto: Participantes da oficina Reconnectando Aliança dos Povos da Floresta, na Reserva Extrativista Chico Mendes. Foto: divulgação Comitê Chico Mendes

Além do trabalho de formação em educação ambiental e ativismo climático feito com jovens, a organização vem trabalhando em defesa das reservas extrativistas, alcançando mais de 2 mil famílias. O cuidado e o uso sustentável deste território

garantem que as populações extrativistas, junto com indígenas, quilombolas e ribeirinhos, sejam as principais guardadoras dessas florestas.



Foto: divulgação Comitê Chico Mendes

O Brasil é o quarto país que mais assassina defensores de direitos humanos e ativistas ambientais no mundo. Chico Mendes, Patrono Nacional do Meio Ambiente, segue vivo no espírito de luta de todos que defendem a floresta.



REFLEXÕES

Reflexões gerais

O panorama da imaginação climática

1. A ação presencial é fundamental

Cem por cento das iniciativas entrevistadas têm na ação presencial o fundamento e a principal tática de suas atividades. É preciso estar presente para concretizar e vivenciar as ações, desde estar em greve e produzir cartazes a estabelecer o contato com a terra e com a água, se unir para processar o estado ou reunir grupos para atividades alimentares. As ações se potencializam com a presença *online* dos registros, ou muitas vezes até ao vivo, e a comunicação híbrida é a estratégia mais eficaz dos grupos.

Na arte, a presença é fundamental para uma imersão na experiência. Por exemplo, a interação direta com os atores e atrizes e a atmosfera única do teatro são formas profundas de conexão com o público e que só podem se dar com a presença do corpo, como em **Antígona na Amazônia** e no **Manual de Adaptação do Planeta**.

2. Manter o engajamento é um desafio

Um dos maiores desafios para a transição ecológica é unir pessoas em prol de uma ação comum e mantê-las engajadas na ação por um longo intervalo de tempo. Esse desafio é uma realidade para a maioria dos coletivos e movimentos com quem conversamos, que têm propostas

como encontros semanais com objetivos específicos, como as greves de sextas-feiras do **Fridays for Future** ou como o **Movimento Bem Viver**, que organiza mutirões. Por outro lado, a constância dos encontros faz com que a ação ganhe visibilidade e se torne referência.

3. **O mundo experienciará uma onda global de refugiados climáticos**

Com o aquecimento global e suas consequências catastróficas, o número de refugiados climáticos vai aumentar consideravelmente nos países economicamente estabilizados, e por isso, a pauta e o tratamento para migrantes é também uma pauta climática. O projeto **Zusammenleben** já oferece experiências muito interessantes de acolhimento entre culturas diferentes a partir da alimentação e de ações de convivência, e o coletivo **Top Manta** fez de suas camisetas cartazes ambulantes sobre pauta da relação violenta com os migrantes.

4. **Decolonização ambiental e climática, na prática**

É importante fomentar ações conjuntas entre países desenvolvidos (colonizadores) e, portanto, estabilizados economicamente, e subdesenvolvidos, que foram colônias no passado. A justiça climática tem que partir de acordos e cooperações internacionais. Um exemplo dessa troca é o projeto do **Greenpeace Amsterdã** na ilha de Bonaire, na América Central. Outro exemplo é a ação judicial da **Both Ends** contra a Boskalis, empresa holandesa de dragagem que ignorou continuamente pedidos de informação sobre um controverso projeto de extração de areia em Sulawesi do Sul, na Indonésia, ex-colônia da Holanda. A Boskalis extrai areia na costa de Sulawesi para expansão do porto na capital, Makassar. As atividades de extração afetam os pescadores, impossibilitando que os pescadores locais ganhem a sua subsistência.

5. **A necessidade de pertencer é uma necessidade social humana**

Criar espaços de pertencimento e acolhimento vai ajudar na transição de imaginário de que precisamos. Projetos que estimulam a sensação de pertencimento de uma comunidade são muito importantes para fomentar interações sociais e iniciativas de conscientização para promover a diversidade e a inclusão. É o caso da **Casa Ecoativa**, na Ilha do Bororé, em São Paulo, onde o pertencimento a uma comunidade que cuida do meio ambiente é muito importante, já que ela está cercada por natureza. Outro exemplo seria o projeto das **Suraras do Tapajós**, de Santarém, Pará, em que um grupo de mulheres indígenas representa a identidade e a resistência cultural de um povo que busca manter vivas suas raízes e a harmonia com a natureza. Ainda, podemos citar o **Chante de Cailles**, em Bruxelas, Bélgica, onde a comunidade do entorno pode se sentir pertencente a um lugar de conexão com a terra e com seus vizinhos, fazendo uma reconexão com o imaginário climático.

6. **Tanto espaços naturais como espaços históricos nos centros das cidades são espaços de debate climático**

Os centros urbanos seguem como zonas de convergência entre os mais diversos estratos sociais. A **Academia do Clima**, localizada em um prédio histórico no centro de Paris, viu ali a possibilidade de trabalhar educação ambiental com jovens de toda a cidade. Já o **Reocupa**, situado em um casarão no centro da capital do Maranhão, discute o direito à cidade e serve como pólo para diversas manifestações culturais. O **Pimp My Carroça**, por sua vez, pintando as carroças dos catadores em São Paulo, transformou as ruas de São Paulo em corredores de obras de arte sustentáveis.

7. **A cidade deve se aproximar da terra e da água para se reconectar ao imaginário. Espaços na natureza nas cidades tendem a ampliar a ideia de que somos natureza, e preservá-la é preservar nossa vida.**

A necessidade de pessoas que moram na cidade de se reconectar com a terra e com a água é algo urgente e necessário para o bem-estar emocional e mental nos dias atuais. A preservação dos ecossistemas naturais urbanos é ilustrada no projeto do **Neckarinsel**, em Stuttgart, na Alemanha, e no **Marais Wiels**, em Bruxelas, Bélgica. Ambos partem da proposta de preservar o meio ambiente, criando espaços comunitários de convivência e servindo de palco para diversas atividades, que vão de conscientização ambiental até projetos artísticos.

8. **A criação de espaços político-pedagógicos e de arte permite mobilizar e engajar pessoas através das ações criativas.**

Arte e convivência são formas de organização da coletividade e da luta. Na **Floating University**, em Berlim, entre as diversas ações, acontecem almoços e jantares experimentais com desafios de pratos vegetarianos, compostagem e exposições sobre a relação com a natureza. Outro exemplo é o **Condô Cultural**, em São Paulo, que promove compostagem comunitária aberta aos vizinhos e já compostou mais de 8 toneladas de resíduos orgânicos desde 2021.

9. **A educação climática é urgente para que todos possam participar do debate sobre a transição ecológica.**

A educação climática é transversal para a maioria das iniciativas com as quais conversamos, desde a **Academia do Clima**, passando pelos projetos que dialogam com os sistemas naturais, como **Marais Wiels** e **Floating University**, até as peças de teatro ou exposições, incluindo organizações de arte e cultura e espaços de convivência. Trabalhar com diferentes públicos para uma educação climática é algo essencial para a existência humana e de qualquer outra natureza no planeta. **Pesquisas e mapas**

podem nos dar pistas dos caminhos para a transição climática. Arte e comunicação criativa são fundamentais no processo.

O **Instituto ZeroCem**, no Brasil, é um exemplo de projeto que trabalha com pesquisa aplicada, traçando alguns cenários até 2050 e geo-espacializando impactos sociais para um debate sociopolítico. Já uma exposição como a **Repair Revolution**, em Zurique, na Suíça, pode trazer uma reflexão sobre o que significa a sociedade de reparação para a transição climática em pleno século XXI.

10. A arte, em cooperação com as campanhas, potencializa a formação da opinião pública sobre a crise climática.

A arte amplifica a mensagem da campanha. Ela ocupa diversos espaços, como museus, centros culturais e muitas vezes a rua, chamando atenção de uma maneira mais criativa e mais sensível para aquilo que deve ser debatido pela sociedade. A arte também tem uma incrível potencialidade de impulsionar a causa climática na imprensa. O **labExperimental**, por exemplo, produz cartazes sobre educação climática, que são colados em muros do Brasil inteiro, considerando as ruas e os muros como espaços estratégicos de produção de imaginário e de disputas narrativas. Outros exemplos são o grupo de intervenção **(Se)cura Humana**, que, através de intervenções e performances, debate o uso da água em São Paulo, e o LUIT (Laboratório Urbano de Intervenções Temporárias), com a peça **Manual de Adaptação do Planeta**, em Paris, na França.

11. O combate aos combustíveis fósseis não é tão forte no Brasil, mas alguns grupos defendendo a Amazônia da exploração do petróleo têm contribuído para o debate nacional. O combate ao desmatamento, ao agronegócio e ao consumo de carne é fraco no mundo todo.

A principal pauta do norte global em relação às mudanças climáticas é a transição energética, ou seja, o fim do uso dos combustíveis fósseis. O Ende Gelände, na Alemanha, mobiliza multidões para ocupar minas de carvão e, de forma criativa, chama atenção para conscientização sobre a

justiça climática. No Brasil, organizações como o **Instituto Mapinguari** e **Utopia Negra**, ambos do estado do Amapá, se apresentam como linha de frente do combate à exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas. Essas organizações não nasceram com o ideal de combater a produção de combustíveis fósseis, mas foram atravessadas por esse tema à medida que os planos de exploração na Amazônia foram se tornando realidade. Fazem campanhas de conscientização e advogam contra a exploração, ao mesmo tempo em que precisam gerenciar urgências locais de subsistência, geração de renda e combate ao racismo.

12. Imaginar o futuro e conhecer o passado são as chaves para agir no presente.

Estudar o passado nos possibilita compreender padrões e erros já cometidos, além de ajudar a valorizar cultura, tradição e identidade. O **Instituto Raoni** nasceu para construir e preservar o legado do Cacique Raoni, além de trazer consigo cosmovisões que nos sugerem um futuro alinhado em valores ancestrais, de modo a desacelerar a vida e respeitar os ciclos da natureza. Já o **Teatro do Eterno Agora** é a promessa de uma performance que durará pelo menos 100 anos em um terreno baldio em Stuttgart. Ao unir a imaginação do futuro com o conhecimento do passado, somos capazes de tomar decisões mais conscientes e responsáveis no presente. Para construir é preciso saber imaginar.

13. É necessário entrar na justiça contra quem está destruindo o planeta. Não podemos deixar crimes ambientais impunes.

Casos judiciais que tratam de questões relacionadas ao meio ambiente têm se tornado cada vez mais comuns em todo o mundo, e alguns tribunais têm emitido decisões históricas que estabelecem precedentes importantes para a proteção ambiental e a responsabilização de empresas e governos. Na Bélgica, o **Caso do Clima** é um grande exemplo de como uma comunidade pode pressionar os governos a reduzirem a emissão de CO₂. O caso das **Senhoras do Clima**, em Zurique, na Suíça, é outro

exemplo, que levou o governo ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos, exigindo a responsabilização dos governos e de corporações poluidoras por suas omissões.

14. **Devemos proteger os defensores.**

O Brasil está em 4º lugar no *ranking* mundial de assassinatos de defensores dos direitos humanos e do meio ambiente, segundo relatório anual da Anistia Internacional, de 2023, feito em 156 países e territórios.

Gostaríamos de deixar nossa homenagem a Chico Mendes, que perdeu sua vida na defesa da floresta, em 1988. Assim como Chico, muitos outros e outras defensoras seguem sendo assassinados no Brasil, na América Latina e em várias partes do mundo. Seu legado permanece vivo com sua filha e sua neta, e com o trabalho de muitos outros socioambientalistas que fazem parte do **Instituto Chico Mendes**.



AGRADECIMENTOS

Adelina Borari
Adrian Kawaley-Lathan
Alnilam Orga
Alyson Pedrão
Américo Sampaio
Ametonyo Silva
Annelieke Douma
Antonio Jose Guzman
Arne De Tremerie
Beptuk Metuktire
Bruna Ventura Aguiar
Bruno Pacifico
Cayo Henrique Ferreira de Alcântara
Claudia Barth
Cleiri Cardoso
Deuza Brabo
Digo Amazonas
Eva Schmitz
Fanny Vinet
Felipe Fonseca
Ferdinand Dürr
Fernando Túlio
Flávia Guedes
Flavio Barollo
Florian Foerster
Francisco Kelvim Nobre
Frigga Haug
Gabriela Juns 🔥
Giselle Rocha 🔥
Hannes Schwertfeger
Isabel Hölzl
Isabelle Barth
Jander Manauara
Jaison Lara

Joanne Clavel
Johanna Dangel
José Pedrão
Kako Guirado
Karina Legrand
Lalesca Medeiros
Leila Bensalem
Leonildes Nazar
Lili Almeida
Linde Wolters
Louise Hisayasu
Marion Wagner
Marianna Olinger
Mariana Pedrão
Markus Keller
Mundano
Nisha Toussaint-Teachout
Valeria Anselm
Olivia Schneider
Pamela Gopi
Pau Subirós
Paula Kohlmann 🔥
Paulo Cardoso
Rita Grillo
Sabrina Perigone 🔥
Samuel Rubin
Sara De Bosschere
Sara Tak
Sonja Schenkel
Taciana Ferreira
Tanya Krone
Valeria Gauer
Wanessa Afonso
Yili Rojas

EQUIPE

COORDENAÇÃO GERAL - Jonaya de Castro

PESQUISADORES - Hércules Laino, Géssica Arjona e Jonaya de Castro

DESIGN - Denis Diosanto

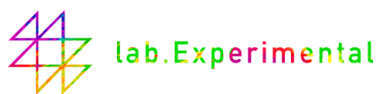
apoio



parceria



realização



FEBRE